“A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA, A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE...”: PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFG-RC/UFCAT (2017-2020)

AMANDA GRAZIELA DE OLIVEIRA

CATALÃO/GO

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

“A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA, A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE...”: PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFG-RC/UFCAT (2017-2020)

AMANDA GRAZIELA DE OLIVEIRA

Orientadora:
PROF. DRA. JULIANA PEREIRA DE ARAÚJO

Linha de Pesquisa:
POLÍTICAS EDUCACIONAIS, HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
E PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA

CATALÃO/GO
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[x] Dissertação [ ] Tese

2. Nome completo do autor

Amanda Graziela de Oliveira

3. Título do trabalho

A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA, A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE...: PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFG/RC/UFCAT (2017-2020).

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;

- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

	Documento assinado eletronicamente por **Juliana Pereira De Araújo**, **Professor do Magistério Superior**, em 27/09/2021, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

	Documento assinado eletronicamente por **AMANDA GRAZIELA DE OLIVEIRA**, **Discente**, em 27/09/2021, às 23:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

	A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2328285** e o código CRC **8FFE9246**.

AMANDA GRAZIELA DE OLIVEIRA

"A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA, A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE...": PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFG-RC/UFCAT (2017-2020)

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão.

Orientadora:
Profª. Drª. Juliana Pereira de Araújo

CATALÃO/GO
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

OLIVEIRA, Amanda Graziela de
"A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA, A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE..." [manuscrito] : PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFG-RC/UFCAT (2017-2020) / Amanda Graziela de OLIVEIRA. - 2021.
89 f.

Orientador: Profa. Dra. Juliana Pereira de ARAÚJO.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2021.

Inclui siglas, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de tabelas.

1. Educação. 2. Políticas Educacionais. 3. Extensão Universitária. 4. UFCAT. I. ARAÚJO, Juliana Pereira de, orient. II. Título.

CDU 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

ATA FAE-RC 153/2021

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DE Nº 153 SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE **AMANDA GRAZIELA DE OLIVEIRA**.

Aos quinze dias do mês de junho de dois mil e vinte e um , às 10:00hrs, via googlemeet reuniram-se os componentes da banca examinadora, a Profª Drª Juliana Pereira de Araújo - PPGEDUC/UFG/UFCAT (Em transição) - Orientadora; Profº Drº Wolney Honório Filho - PPGEDUC/UAEE-UFG/UFCAT (Em transição) - Membro Interno; Profª Drª Lana Ferreira de Lima - IBIOTEC/UFCAT - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de **Amanda Graziela de Oliveira**, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da UFG-RC/UFCAT Em transição, área de Concentração Educação, com trabalho intitulado "**"A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA, A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE...: PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFG/RC/UFCAT (2017-2020)**". A sessão foi aberta pela presidenta da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida a discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinanda. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: [DEFESA APROVADA], fazendo jus, portanto, ao título de **Mestra em Educação**, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT Em transição. A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo: Art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG-RC/UFCAT Em transição, quinze de junho de dois mil e vinte e um.

Documento assinado eletronicamente por **Juliana Pereira De Araújo**, **Professor do Magistério Superior**, em 15/06/2021, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Wolney Honório Filho**, **Professor do Magistério Superior**, em 15/06/2021, às 19:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Lana Ferreira De Lima**, **Professor do Magistério Superior**, em 17/08/2021, às 19:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2133802** e o código CRC **022FDAF3**.

Referência: Processo nº 23070.026324/2021-82 SEI nº 2133802

AGRADECIMENTOS

Uma vez li em algum livro “como dizer obrigado se tenho tantos a agradecer?”

Eis aqui toda a minha admiração, respeito, fé e gratidão:

A Deus por todos os momentos da minha vida, pelas alegrias, pelas tristezas, pelas lutas, pelos cansaços, pelos sonhos, pelas frustrações, pelos amores e pelos desamores...

A Minha família por todo o seu amor e dedicação, especialmente a três mulheres: Dona Nega, Maria e Aline.

Ao meu namorado, Rafael, pela compreensão.

A Minha Orientadora e Professora Juliana por todo o seu acolhimento e conhecimento.

Aos membros da Banca Professor Wolney e Professora Lana pelas contribuições e aos Professores da Linha Políticas Educacionais, História da educação e Pesquisa (auto)biográfica.

Aos meus colegas de jornada do Mestrado em Educação.

A Rosângela do CERCOMP de Goiânia, ao Cacildo da Coordenação de Extensão e Cultura em Catalão, ao Cleumar – técnico administrativo da UFCAT – que contribuíram com os documentos e gráficos para análise dos dados dessa pesquisa.

Aos amigos e amigas.

A você leitor(a).

Enfim, a TODOS e TODAS que fizeram parte diretamente ou indiretamente da minha história. Sou extremamente grata por tudo que vivi, pelo que estou vivendo e pelo o que ainda viverei...

Acima de tudo ame
como se fosse a única coisa que você sabe fazer
no fim do dia isso tudo
não significa nada
esta página
onde você está
seu diploma
seu emprego
o dinheiro
nada importa
exceto o amor e a conexão entre as pessoas
quem você amou
e com que profundidade você amou
como você tocou as pessoas à sua volta
e quanto você se doou a elas.

[...]

(KAUR, 2017, p.194)

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACEx	Atividades Curriculares de Extensão
UNIUBE	Universidade de Uberaba
CAC	Campus Avançado de Catalão
CBEU	Congresso Brasileiro de Extensão Universitária
CEP	Código de Endereçamento Postal
CF	Constituição da República Federativa do Brasil
C.F.P.P.	Centro de Formação de Professores Primários
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONPEEX	Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão
EaD	Ensino a Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras
GO	Goiás
IBIOTEC	Instituto de Biotecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
I.E.T.I.	Instituto de Escolas Técnicas e Industriais
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
LABPEL	Laboratório de Práticas Esportivas e Lutas.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PDF	*Portable Document Format*
PNE	Plano Nacional de Educação
PNEU	Política Nacional de Extensão Universitária
PNExt	Plano Nacional de Extensão Universitária
PPCs	Projetos Pedagógicos dos Cursos
PPGEDUC	Programa de Pós Graduação em Educação
PROBEC	Programa de Bolsas de Extensão e Cultura
PROEXT	Programa de Apoio à Extensão Universitária
PROVEC	Programa de Voluntariado de Extensão e Cultura
RC	Regional Catalão
SEI	Sistema Eletrônico de Informação
SESu	Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e do Desporto
SIEC	Sistema de Informação de Extensão e Cultura
SIGAA	Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFCAT	Universidade Federal de Catalão
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFG-RC	Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados referentes a minha formação acadêmica pelas ações de extensão 29
Tabela 2 - Dados referentes à distribuição de projetos cadastrados por áreas temáticas 50
Tabela 3 - Dados referentes as unidades proponentes dos projetos de extensão cadastrados (2017) ... 53
Tabela 4 - Dados referentes as unidades proponentes dos projetos de extensão cadastrados (2018) ... 53
Tabela 5 - Dados referentes as unidades proponentes dos projetos de extensão cadastrados (2019) ... 54
Tabela 6 - Dados referentes as unidades proponentes dos projetos de extensão cadastrados (2020) ... 54
Tabela 7 - Dados referentes aos membros das equipes executoras das ações de extensão 55
Tabela 8 - Dados referentes ao público estimado e ao público atendido dos projetos de extensão (2017 a 2020)..... 57
Tabela 9 - Dados referentes ao número de discentes envolvidos nos projetos de extensão (2017 a 2020) 61
Tabela 10 - Dados referentes ao número de bolsas PROBEC/PROVEC concedidas (2016-2020)..... 62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados referentes à área de atuação do CNPq dos projetos de extensão (2017-2020) 51
Gráfico 2 - Dados referentes a quantidade dos projetos de extensão (2017-2020) 56
Gráfico 3 - Dados referentes a duração em meses dos projetos de extensão (2017-2020) 57
Gráfico 4 – Dados referentes ao percentual de público atendido pelos cursos, unidades proponentes e órgãos dos projetos de extensão (2017 a 2020)..... 59
Gráfico 5 – Dados referentes ao percentual do público-alvo dos projetos de extensão (2017-2020) ... 61

RESUMO

No Brasil as atividades de extensão universitária tiveram início entre os anos de 1911 e 1917, quase cem anos após as primeiras universidades serem criadas, mas são até hoje o elemento mais desvalorizado no tripé ensino, pesquisa e extensão que sustenta essa instituição. A Universidade Federal de Catalão nasce na década de 1980 ainda como campus da Universidade Federal de Goiás (tendo a extensão como atividade prioritária) e vem desde então buscando a consolidação dessa atividade. Mais recentemente, sobretudo devido a democratização do ensino superior, esse tema tem ganhado força nos debates com destaque para a questão da curricularização da extensão que pauta a obrigatoriedade da extensão nas trajetórias formativas dos discentes. O histórico da extensão e o cenário atual na Universidade Federal de Catalão foram cruciais para realização de uma pesquisa de mestrado estruturada a partir da questão: -Como se configura a extensão universitária na UFG-RC, atual Universidade Federal de Catalão, a partir dos projetos desenvolvidos entre os anos de 2017 e 2020? Logo, o objetivo geral definido foi o de analisar os projetos de extensão universitária na UFG-RC/UFCAT de 2017 a 2020. Como objetivos específicos buscamos: a) compreender a universidade pública brasileira e nela a extensão universitária; b) produzir um panorama dos projetos de extensão na UFG-RC/UFCAT cadastrados entre os anos de 2017 e 2020 e c) analisar os objetivos e as metodologias descritos nas fichas de cadastrais dos projetos de extensão universitária na UFG-RC/UFCAT entre 2017-2020. Metodologicamente, a pesquisa é documental e descritiva e tendo como corpus de dados aquilo que se estruturou com base nos seguintes documentos: 1) planilhas do Excel com as ações via SIEC; 2) a relação de bolsas concedidas do Programa de Bolsas de Extensão e Cultura (PROBEC) e do Programa de Voluntariado de Extensão e Cultura (PROVEC) de 2016 a 2020 e 3) as fichas de inscrição dos projetos cadastrados no SIGAA, entre janeiro de 2017 a julho de 2020 (totalizando 163 projetos). A análise desse material, guiada pelo referencial teórico relativo ao tema principalmente a legislação atual revelou que está em curso uma profunda transformação da universidade que se afasta da ideia de "Torre de marfim" elitista e encastelada e se aproxima de uma "Torre de Babel" com sua polifonia e pluralidade e que esse processo influencia positivamente a extensão universitária nela produzida que vai paulatinamente ganhando solidez. Nesse sentido é que a interdisciplinaridade e a dialogicidade vão ganhando espaço nos projetos realizados o que corrobora com o cumprimento das expectativas do Plano Nacional de Extensão Universitária. Contudo, persiste a realização de projetos de extensão alicerçados em uma extensão assistencialista ou como complemento do ensino e-ou da pesquisa o que foi notado em objetivos e metodologias típicos dessa visão. São projetos que apesar de congregarem os vários sujeitos da comunidade universitária (professores, alunos e técnicos) pouco se espraiam para fora dos muros da universidade. Conclui-se que é preciso refletir e debater de modo ampliado sobre a importância e o papel da extensão na UFCAT para que em tempos tão retrógrados a universidade não volte a se encastelar.

Palavras-chave: Educação. Políticas Educacionais. Extensão Universitária. UFCAT.

ABSTRACT

In Brazil, university extension activities began between 1911 and 1917, almost a hundred years after the first universities were created, but nowadays it's still the most depreciated element in a tripod of education, research, and extension that supports this institution. The Federal University of Catalão was born in the 1980s as a campus from the Federal University of Goiás (having an extension as main activity) and it has been looking for its activity consolidation. Recently, after all, because of the democratization in higher education, this subject has been taking strength in discussions focusing on the curriculum extension question which guides an extension obligatorily in the formative pathway of the students. The extension historic and current scenario in the Federal University of Catalão were crucial for the achievement of this master project structured from a question: -How it's the university extension configured at UFG-RC, current the Federal University of Catalão, from projects which have been developing between the years of 2017 to 2020? Therefore, the general goal chosen was to analyze a university extension at UFG-RC/UFCAT from 2017 to 2020. As specific goals we've to seek to: a) understand a Brazilian public university and there its university extension; b) make an overview of extension projects at UFG-RC/UFCAT registered between the years of 2017 and 2020, also c) analyze the methodologies and goals described on project registration forms of university extension at UFG-RC/UFCAT between 2017 to 2020. Methodologically, the research is documental and also descriptive having as *corpus* what was structured and based on the following documents: 1) Excel spreadsheets with actions through SIEC; 2) a list of scholarships granted from Programa de Bolsas de Extensão e Cultura (PROBEC) and Programa de Voluntariado de Extensão e Cultura (PROVEC) between 2016 to 2020; 3) registration forms of projects enrolled on SIGAA, between January 2017 to July 2020 (163 projects total). This material analysis was guided by a theoretical frame related to the main topic, the updated legislation shows a deep change of the university that put away the "Ivory tower" idea, castle and elitist to get near of a "Babel tower" with its plurality and polyphony once this process positively impacts on university extension produced, gradually gaining solidity. In this regard, dialogicity and interdisciplinarity have been taking attention in the projects done at which corroborates with the fulfillment expectations from the National Plan of University Extension. Nevertheless, the carrying out of extension projects is based on a welfare extension or as education or/and research complement noticed on methodologies and goals of this viewpoint. These are projects that despite considering several subjects from the university community (professors, students, or administrative technicians) hardly ever spreads beyond universities' walls. To conclude, it's necessary to reflect and discuss more broadly the role and importance of extension at UFCAT so in these backward times, a university doesn't come back to become a castle.

Keywords: Education. Educational policy. University extension. UFCAT.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **11**

CAPÍTULO I **16**

Da Dona Nega à Amanda... da torre de marfim à Babel: Eu, a Universidade e os caminhos que se cruzam **16**

Introdução 16

1.1 Memórias. Memorial 16

1.2 Minhas raízes, eu e a chegada na universidade 17

1.3 A Universidade, a graduação, a pós-graduação e os projetos de extensão 25

1.4 Considerações Parciais 35

CAPÍTULO II **37**

A extensão universitária e o panorama dos projetos de extensão na UFG-RC/UFCAT **37**

Introdução 37

2.1 Bases da Extensão Universitária 37

2.2 Panorama da Extensão Universitária na UFG-RC/UFCAT (2017-2020) 48

2.4 Considerações Parciais 62

CAPÍTULO III **64**

O olhar para além dos números: análise dos objetivos e metodologias **64**

Introdução 64

3.1 Extensão de caráter assistencialista 66

3.2 Extensão com influências do Ensino. 67

3.3 Extensão como Prestação de Serviços 68

3.4 Extensão de Ensino e Prestação de Serviços 69

3.5 Extensão de Pesquisa e Prestação de Serviços 70

3.6 Extensão de Ensino e Pesquisa 71

3.7 Extensão Inovadora 72

3.8 Análise das concepções da Extensão Universitária a partir das suas metodologias. 74

3.9 Considerações Parciais 79

CARTA A PROPÓSITO DAS CONCLUSÕES 80

Referências 85

APRESENTAÇÃO

O correr da vida embrulha tudo,
a vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais,
no meio da alegria,
e inda mais alegre ainda no meio da tristeza!
Só assim de repente,
na horinha em que se quer,
de propósito — por coragem. Será?
Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia.

(GUIMARÃES ROSA, 1986)

A vida me mostra que os caminhos percorridos, sendo eles escolhidos ou não escolhidos, podem parecer aleatórios, mas não o são. Porque a aleatoriedade implica a crença numa casualidade de circunstâncias que nos leva a acreditar que a vida pode ser regida por acontecimentos incertos e fortuitos o que equivale a tirar de si a responsabilidade de conduzir, mediar e atuar no roteiro-enredo de sua própria vida.

E cá entre nós a vida é muito breve e genuína para se ausentar do papel de roteirista-atriz principal e assumir a mera figuração.

Esta pessoa que vos fala, por muito tempo, carregou consigo esse papel de figuração da própria vida, onde acreditava ser infeliz e injustiçada por um tanto de experiência. De fato, tive muitas injustiças na minha vida. Como foram muitos os períodos de tristeza profunda. Nenhum deles e nem o conjunto deles me resume e não rotulam a trama de modo geral.

Dito isso, assumo essa escrita assim como assumo a minha vida por isso escrevo em primeira pessoa. Não vejo outro modo de melhor apropriar-me de mim e de expressar o conhecimento conquistado, construído ao longo desses anos. A pesquisadora que agora escreve e a pessoa das memórias expostas são uma só. Não me permito mais fragmentações.

Por certo que quando falo sobre mim carrego traços, laços, vozes e experiências que não são apenas minhas, mas de pessoas que encontrei ao longo dessa trama, e que me impulsionaram a assumir uma nova posição na vida.

Aqui especificamente, a minha fala traz ideias objetivas e ecoa por vezes a voz de minha orientadora Juliana, que tem seu lugar de fala nessa pesquisa por ter acreditado no meu potencial como pesquisadora. Juntas, eu diria até de mãos dadas, caminhamos ao longo desses dois anos e meio (conturbados pelo surgimento de uma pandemia). Traz ideias dos

professores do mestrado, dos cursos de graduação em Educação Física - Presencial e Ensino a Distância (EaD) - do cursinho pré-vestibular, do Ensino Médio e Fundamental, da pré-escola e da creche e de pessoas que nunca pisaram em uma escola, mas que têm tanto conhecimento de vida a ensinar. Aqueles que para mim são professores de alma.

Cheguei ao mestrado, com o intuito de assumir como objeto algo relativo às políticas de esporte e lazer na universidade mantendo um percurso trilhado final da graduação. Mas logo no primeiro contato com a orientadora, notei que poderia modificar essa ideia inicial guiada por um olhar mais direcionado e profundo a algo que antes eu visualizava pela perspectiva de curso específico (Educação Física). O que poderia ser isso? A extensão universitária!

Hoje rememorando esse momento percebo que ao me propor a discutir políticas de esporte e lazer, eu já falava de políticas que garantem o acesso da população à universidade, ou seja, eu falava de políticas extensionistas.

E é assim, preenchida com todas essas permissões e convites que falo dessa dissertação que enfoca os projetos de extensão universitária na Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão (UFG-RC) que hoje é Universidade Federal de Catalão (UFCAT) no período contemplado entre janeiro de 2017 e julho de 2020. Ela é produto de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado em Educação da UFCAT guiada pela seguinte questão: -Como se configura a extensão universitária na UFG-RC, atual Universidade Federal de Catalão, a partir dos projetos de extensão desenvolvidos entre os anos de 2017 e 2020?

É importante dizer que há na UFCAT uma classificação das atividades de extensão baseada na legislação em vigor (falarei disso no capítulo dois) que estipula a existência de programas, projetos, cursos, eventos e, prestação de serviços. E que os projetos foram escolhidos por serem atividades de maior duração do que os eventos e cursos e por serem as atividades com maior número de cadastrados o que os tornam uma expoente fiável da extensão na UFCAT.

O objetivo geral foi analisar os projetos de extensão universitária na UFG-RC/UFCAT de 2017 a 2020 o quê para ser atingido me impôs como passos essenciais: a) compreender a universidade pública brasileira e nela a extensão universitária, b) produzir um panorama dos projetos de extensão na UFG-RC/UFCAT cadastrados entre os anos de 2017 e 2020 e c) analisar os objetivos e as metodologias descritos nas fichas de cadastrais dos projetos de extensão universitária na UFG-RC/UFCAT entre 2017-2020.

Metodologicamente o que realizei foi uma pesquisa documental e descritiva tendo em mente a afirmação de Cellard (2012) de que este tipo de pesquisa adiciona a dimensão do tempo à compreensão do social e favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros.

O corpus de dados foi obtido após uma série de trâmites institucionais iniciados com o envio de ofício via Sistema Eletrônico de Informação (SEI) e posteriormente acessados diretamente no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) com a devida permissão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFCAT. Todos os projetos cadastrados e concluídos foram acessados em versão *Portable Document Format* (PDF) até o dia 01 de julho de 2020.

Cheguei a um *corpus* documental com 163 projetos analisados, que se estruturou com base nos seguintes documentos: 1) planilhas do Excel com as ações via Sistema de Informação de Extensão e Cultura (SIEC); 2) a relação de bolsas concedidas do Programa de Bolsas de Extensão e Cultura (PROBEC) e do Programa de Voluntariado de Extensão e Cultura (PROVEC) de 2016 a 2020 e 3) as fichas de inscrição dos projetos cadastrados no SIGAA, entre janeiro de 2017 a julho de 2020.

A dissertação ora em tela apresenta com o rigor exigido este percurso e seus resultados.

No primeiro capítulo é através de uma espécie de memorial que evidencio minha compreensão sobre a universidade pública brasileira e nela a extensão universitária. Esse foi o formato escolhido porque considerei que desse modo particular e subjetivo a universidade pública brasileira e nela a extensão universitária se revelariam por um outro enquadramento, aquele de alguém que representa tantos outros precursores de suas famílias a entrar na “Torre de Marfim” (WOLFF, 1993). Ressalto que a opção pelo memorial reivindica uma forma de expressão que não se aparta de uma revisão de literatura balizada pelos descritores: universidade, extensão universitária.

O que a tecitura desse capítulo agora me permite sinalizar é que a universidade pública (portanto também a emancipada UFCAT) vem se alterando profundamente (assim como as trajetórias formativas em minha família) distanciando-se de um modelo ideal para se aproximar de uma concepção carregada da expectativa de assumir como meta aquilo que advém do seu compromisso social, a transformação.

Nos capítulos subsequentes a tônica é dada pela pesquisa documental e descritiva.

No segundo capítulo, que se inicia com a discussão dos documentos que fundamentam a extensão universitária atualmente a saber: o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001a; 2014), o Plano Nacional de Extensão Universitária (2001b), a Política Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2011) e a proposta de Minuta de Curricularização da Extensão na UFCAT (UFCAT, 2020) exponho um panorama quantitativo dos projetos de extensão na UFG-RC/UFCAT cadastrados entre os anos de 2017 e 2020.

O que se revela é o movimento macro, mais amplo que explicita a distribuição dos projetos de extensão ao longo dos anos, os temas abordados e suas áreas, o tempo de duração média dos projetos, o número de participantes, o público-alvo. O quadro elaborado revela uma extensão em consolidação que sofre as influências tanto do tempo em que a universidade era lócus distante da população menos favorecida e via na extensão ação de cunho assistencialista como de um tempo mais recente que traz consigo a luta pela democratização do ensino superior. Tempo em que é amadurecida a ideia da universidade pública como espaço democrático, plural e transformador, mas em que também acontece paradoxalmente a fragilização da universidade (desinvestimento, desvalorização). Tempo em que se avança rumo a curricularização da extensão. O capítulo revela um panorama satisfatório na medida em que explicita que a extensão está em todas as unidades e cursos (com ações principalmente nas áreas da saúde e humanas), congrega a pluralidade dos sujeitos da comunidade universitária e não consegue ainda se espraiar firmemente para fora dos muros da universidade. Nota-se ainda a consolidação de temáticas, o fortalecimento de parcerias enfim a universidade pública abandonando sua versão elitista, a torre de marfim.

No terceiro capítulo apresento os resultados de uma análise baseada em uma dimensão qualitativa concentrada no que se enuncia a partir de objetivos e metodologias dos projetos cadastrados. O parâmetro para essa análise depreende das cinco diretrizes da extensão universitária (FORPROEX, 2012), a saber: Interação dialógica; Interdisciplinaridade e interprofissionalidade; Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão; Impacto na Formação do estudante e; Impacto e Transformação Social. Como é próprio da pesquisa documental várias questões foram feitas aos documentos (dados) como por exemplo: Há no projeto a utilização de conhecimentos relativos a mais de um campo disciplinar? Há na equipe profissionais de áreas distintas? Há na metodologia do projeto atividades que incorporem estratégias de pesquisa e ensino? O projeto contribui para a formação dos estudantes universitários? O projeto gera impacto na sociedade que contribua para a transformação social?

Pude comprovar com mais elementos a passagem de uma modelo de universidade que antes era a Torre de marfim para um modelo atual mais democrático, plural que chamo de Torre de Babel e os indícios de que isso também se processa na extensão. Soa potente esse modelo de universidade que pode ser ainda mais alimentado ao longo dos próximos anos pelas políticas de extensão, mas há ainda resquícios de um pensamento equivocado ou pelo menos representativo de um tempo em que a universidade se colocava como espaço das elites, colonizador, assistencialista e inatingível a muitos.

Estruturei a partir da análise sete categorias de extensão para expressar diferentes conformações dos projetos de extensão: 1) Extensão de caráter assistencialista; 2) Extensão com influências do ensino; 3) Extensão como prestação de serviços; 4) Extensão de ensino e prestação de serviços; 5) Extensão de pesquisa e prestação de serviços; 6) Extensão de Ensino e Pesquisa e; 7) Extensão Inovadora.

Já ao analisar as metodologias desses projetos percebi que poderia classificá-los em três níveis que vão de um nível caracterizado pela execução da extensão em bases transmissivas e assistencialistas até um nível marcado pela construção coletiva, pela dialogicidade, pela interdisciplinaridade que são características mais aderentes aos documentos atuais. A complexidade desse processo é percebida em um grupo intermediário que incorre por vezes em objetivos que miram a extensão em moldes atuais, mas apresenta metodologias superficiais, “de ensino” e vice-versa. Outro ponto é que há projetos com grande detalhamento de metodologias e muitos demasiado sintéticos, pouco detalhados o que sinaliza a necessidade de promover melhor o processo de submissão, criação de propostas.

O fato é que o resultado da pesquisa atesta que os projetos de extensão na UFCAT confirmam a transformação das concepções e das formas de se fazer a extensão no sentido desejado que é o de uma universidade viva, dinâmica, democrática e transformadora. São tempos difíceis bem o sei, mas se há brechas por onde ir que se possa persistir.

CAPÍTULO I

Da Dona Nega à Amanda... da torre de marfim à Babel: Eu, a Universidade e os caminhos que se cruzam

Introdução

Todo dia, sempre vai haver alguém ameaçando sua liberdade.
E eu não posso manter essa família unida
se eu não te ensinar de onde viemos, quem somos nós.
Não posso manter essa família unida se eu não lembrar de quem eu sou.
É por isso que contarei esta história.

(RAÍZES, 2016)

Neste primeiro capítulo busco o objeto que é a extensão pela via do memorial. Sem desconsiderar a revisão de literatura, que aparece aqui e ali, assumo como objetivo elaborar uma compreensão mais profunda a respeito da universidade e nela a extensão. Perpassando esse processo acontece a formação da própria pesquisadora-eu que percebe no movimento de pensar e estudar a universidade, e a si mesma, elas já não são a mesma de outrora.

1.1 Memórias. Memorial

Pensar em escrever a minha história de vida tendo como referencial teórico a minha formação acadêmica me parece um tanto desafiador, assustador e até injusto.

Imagine se eu me esquecer de fatos que foram importantes para a construção do meu ser e da minha trajetória de vida? O que se faz para não deixar que nosso cérebro selecione algumas memórias que foram importantes, porém esquecidas seja por proteção de um trauma ou momento ruim, seja por lapsos da memória, ou mesmo por seleção de acordo com o que estou vivendo agora?

Como diria Wolney, professor do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC), um apaixonado pelas narrativas de vida: “É... tarefa nada fácil, a escrita de si”.

Ainda mais que eu tenho lapsos de memórias bem seletivas e consigo lembrar do telefone da casa do meu tio, do Código de Endereçamento Postal (CEP) da rua da minha avó em minha terra natal, mas esqueço de fatos corriqueiros, acontecimentos do cotidiano, ações

do viver que as pessoas insistem em me contar. "- Lembra aquele dia em que brincávamos e você fez/aconteceu isso?" A resposta sempre é não.

Assim como me esqueço de nomes, vidas, pessoas que já se foram e ora ou outra me pego assustada por descobrir que um conhecido já faleceu há cinco anos. Como assim? E ninguém me falou?

Meus amigos sempre falam que a minha memória tem um processamento de dados e uma lógica de seleção só dela.

Esse processar de informações de vida e para a vida e a logística de guarda ou não das minhas memórias me fez ganhar até um apelido de um dos meus melhores amigos, o Rodrigo, que me chama carinhosamente de "Para sempre Amanda", uma comparação irônica pelos meus esquecimentos ao filme "Para sempre Alice" onde a personagem principal, uma professora conceituada de Harvard é pega de surpresa com o diagnóstico de Mal de Alzheimer.

Confesso que a possibilidade de algum dia poder ter uma doença neurodegenerativa é um pouco angustiante, afinal quem quer perder as próprias memórias de vida, porém tento levar esses lapsos de esquecimentos de uma forma mais leve e sempre me divirto com as minhas gafes de amnésia.

Mas quem é a Amanda Graziela de Oliveira afinal? E como sua história lhe permite falar sobre a universidade e a extensão universitária? Vamos por partes.

Volto um pouco no tempo para mostrar algumas folhas da minha árvore genealógica, pois o que sou hoje, provém e reflete dessas raízes ancestrais. Tento cruzar essa árvore com meu objeto de pesquisa. Minha vida e a extensão universitária. O que nos liga? A UFCAT, universidade pública gratuita e de qualidade.

1.2 Minhas raízes, eu e a chegada na universidade

Tua palavra, tua história
Tua verdade fazendo escola
E tua ausência fazendo silêncio em todo lugar
Metade de mim agora é assim
De um lado a poesia, o verbo, a saudade
Do outro a luta, a força e a coragem pra chegar no fim [...].

(O TEATRO MÁGICO, 2003)

Em plena revolução de 1930 nascia em Franca (interior de São Paulo) Josefina Modesto de Oliveira (Dona Nega), minha avó materna. Filha de um curandeiro, órfã de mãe

(que faleceu 2 anos após o seu nascimento) e neta de uma bugre (termo pejorativo da época para índia pegada a laço no mato) teve uma infância cheia de dificuldades estruturais e financeiras, magia e folclores. Lhe era comum ouvir histórias de mula sem cabeça, mãe de ouro, caboclo d'água, lobisomens e outros, assim como era comum a crença de proteção e premonição vindas de rezas e rituais. Acredite ou não, foi em meio a esse mundo meio místico meio real que ela nasceu e cresceu, talvez isso explique o fascínio que os seus netos (inclusive eu) tinham ao ouvir as suas histórias.

Um ano após o nascimento de Dona Nega e quando a universidade já contava mais de um século[1] de existência, foi promulgado o Decreto nº 19.851/1931 que cria o Estatuto das Universidades Brasileiras em que se tem a primeira referência da extensão no Brasil, com uma concepção voltada para a prestação de serviços. Questão de documento e política educacional já que desde 1911 algumas ações de extensão já aconteciam no país e eram voltadas para a prestação de serviços em áreas rurais de assistência técnica para agricultores (OLIVEIRA; GOULART, 2015). Talvez pensassem em gente como a família de Dona Nega, gente perdida no mundo, gente da roça que acredita em mula sem cabeça.

De certo que Dona Nega e sua família gostariam de uma assistência da universidade porque a vida era muito difícil. Ela teve uma infância e adolescência marcadas por responsabilidades dos afazeres da casa. Limpava, lavava, passava e cozinhava. A caçula de 13 irmãos, conheceu e conviveu com apenas 6 deles, e frequentou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Ela aprendeu a ler e a escrever. E apesar de gostar de ir à escola, não tinha uma perspectiva de estudo e futuro profissional, por ser mulher, por ser pobre e por ter uma vida nômade. O que lhe restava era um bom casamento. Universidade não aparece nesta parte de minha história. Nem como um castelo, nem mesmo torre.

Casou-se em 1950, na cidade de Igarapava-SP, com Petrolídeo Borges de Oliveira, meu avô, um descendente de italiano, muito bonito, porém cheio de vícios e manias que atrapalharam a boa união do casal. Ela com 19 anos, ele com 32 anos. Da união de meus progenitores, nasceram 5 filhos: José, Eurípedes, Antônio, Maria e Luiz Carlos. Esses eram seus nomes, porém os conheci como: Zé do frango, Tio Oripe, Tio Tuti, Mãe e Tio Nenê. Todos representam algo na minha vida, mas a minha genitora, Maria Donizeti de Oliveira, tem nela um papel fundamental.

[1] A chegada da Coroa Portuguesa no Brasil, em 1808, justifica o início do Ensino Superior que surge orientado para a formação profissional dos filhos da nobreza, da aristocracia e das oligarquias sendo, portanto, de caráter elitista e burguês.

Maria, uma das muitas marias de vida sofrida, marcada pela desigualdade social e violência sofrida. Ela nasceu em 1964, a única mulher de cinco filhos, chegou para ser mais uma boca para alimentar e cuidar e como era de se esperar. Não teve uma infância/adolescência muito diferente da própria mãe (minha avó) e dividia seu tempo entre ir à escola (frequentou até a 4ª série do Ensino Fundamental), os afazeres da casa e a própria sobrevivência.

Na mesma década em que essa Maria nasceu era promulgada a Lei nº 5.540/1968 a chamada "Reforma Universitária" que definiria a estrutura básica da universidade. Por ela era instituída legalmente a extensão no âmbito acadêmico o que se executaria em todas as universidades e Instituições de Ensino Superior (IES) pela mera extensão das atividades de ensino e/ou da socialização dos resultados de pesquisa a comunidade local através de cursos e prestação de serviços (OLIVEIRA; GOULART, 2015). É preciso dizer que antes do golpe de 1964 e, portanto, antes da promulgação do documento da reforma em 1968, a extensão universitária, inspirada em Paulo Freire e na Educação Popular vinha tendo considerável papel na luta pela transformação social do Brasil no âmbito das lutas pelas reformas estruturais, que se deram nos anos 1950 até 1964 (PAULO, 2016).

No caminho de Maria nenhum sinal de universidade. Nenhum extensionista por aquelas bandas. Nem assistência alguma.

Já em 1970 com a ditadura militar a extensão fortalece sua gênese assistencialista e tem como exemplo maior, as ações do Projeto Rondon[2]. Autores como Oliveira e Goulart (2015) esclarecem que se enfraquecia qualquer atuação de cunho político na medida em que almejavam um ideal de desenvolvimento e segurança nacional, típico de um governo militar e nele "os alunos se tornavam apenas executores" (OLIVEIRA; GOULART, 2015, p. 12).

Mas os movimentos estudantis, resistiam e mantinham seus ideais realizando atividades que se desvinculavam dessa concepção e buscavam uma atuação de participação social e troca de experiências com a comunidade. Para muitos deles Paulo Freire era inspiração. Parecia importantíssima sua contribuição para a extensão compartilhada pela obra "Extensão ou Comunicação?" escrita durante o seu exílio no Chile em 1968, e publicada um ano depois. Ali o educador pernambucano propõe uma virada de chave no pensar a extensão

[2] O Projeto Rondon foi fundado pela Lei n.º 6.310, de 15 de dezembro de 1975, e tinha como finalidade "motivar a participação voluntária da juventude estudantil no processo do Desenvolvimento, da Integração Nacional e da Valorização do Homem, em cooperação com o Ministério da Educação e Cultura". Uma tentativa do Governo unido com as universidades, os professores e os estudantes, de levar as regiões mais distantes do país o conhecimento. Esse projeto foi uma das atividades mais conhecidas no campo da extensão (BRASIL, 1975).

universitária, problematizando inicialmente o significado semântico do termo “extensão” depois a concepção adjacente a ele e a metodologia utilizada para essas ações.

Aqui, vejo que a extensão passava por um período de transformação das suas próprias concepções, desde a prestação de serviços, ao assistencialismo e o ensaio de uma extensão dialógica. Enquanto isso minha mãe passava pela transformação que é a adolescência.

Em meados da década de 1980, Maria, entrava na sua vida adulta. Nessa época, muitos economistas achavam a economia brasileira perdida por conta da estagnação econômica e do aumento da inflação. Era um tempo em que bandas nacionais como RPM, Legião urbana, Capital Inicial, Blitz, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso se consolidavam. Era possível ver crianças brincando nas ruas. Havia guloseimas como a bolacha do fofão, os guarda-chuvas de chocolate, o pirulito push pop, o guaraná Dom. Brinquedos inesquecíveis como o famoso Atari e o Tamagotchi eram vendidos. Naquele tempo eu nasci.

Eu, a primogênita dela que era Maria e a partir daquele momento mãe solo. Era 1985 e ela contava 21 anos de idade. Boia-fria, varredora de rua e ajudante de serviços diversos. Ela que assim garantia uma vida melhor para a sua filha e um futuro diferente do seu. Sua filha, eu, nasci com 3,300 kg, medindo 50 cm, de parto normal e a fórceps.

Fui uma menina doce, meiga e sapeca. Amava a cor azul, aliás amo até hoje muitas cores, e tinha/tenho uma relação muito forte com a comida. O ato de comer, vai além do ato fisiológico, envolve prazer, sentimentos, procuras, descobertas, encontros e reconciliações... comer é arte, comer faz parte.

Costumo me rotular como uma “paulista”, “mineirizada” e “goiana de coração”. Para que ser uma só, se posso ser várias?

Olhando assim para minha trajetória penso como o tempo pode ser relativo, complexo e rápido. E reconheço o movimento que Delory-Momberger (2006) aponta que a biografia é um exercício construído a partir das narrativas de vida que nos organiza em meio às nossas muitas histórias.

Mas voltando... antes mesmo de completar um ano de idade, fui matriculada em um projeto filantrópico do pastor Otaviano, cuja alma desconheço de ser humano tão bondoso e doce. Ele mantinha duas creches para as crianças de 1 mês a 06/07 anos e um Centro Estudantil para crianças e adolescentes de 07 anos a 18 anos. Era um projeto voluntário que assistia cerca de 3.000 a 5.000 crianças de mães solos, crianças em grupo de risco e famílias de baixa renda. Era tudo mantido pela igreja, pelo Pastor, e por “padrinhos” inclusive do exterior, que adotavam uma criança e custeavam os seus gastos. Ainda me lembro de ler e

escrever cartas aos meus padrinhos “Jeen e Narely” (esse é o nome que me recordo), que moravam na Austrália, e que diziam me amar muito.

Nesse espaço de formação cristã, a “Creche Amiguinhos de Jesus”, havia todo um cuidar das crianças enquanto os seus pais trabalhavam. Lá tive a alfabetização primária (primeiros números e letras) e o ensino religioso da igreja “Assembleia de Deus”. Foi ali que passei os inícios da minha infância, e foi ali que aprendi a escrever o meu nome completo e me senti orgulhosa por entrar no primeiro ano escolar já sabendo escrever. De certa forma eu achava que isso me colocava em vantagem sobre as outras crianças. Mas um nome? Não, o meu nome e isso era muito significativo para mim.

Hoje, vejo que esse pode ter sido o primeiro contato que tive com projetos de assistência estudantil apesar de não ser vinculado a nenhuma IES. Haveria futuros extensionistas ali?

Em 1988, com a ditadura oficialmente terminando e a promulgação da Constituição Federal a universidade conquista a atual estrutura que prevê a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Em novembro de 1987, acontece a criação do Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), marco importante para a extensão.

Eu, por volta de 1990, sou transferida da “Creche Amiguinhos de Jesus” para o Centro Estudantil, o mesmo projeto do Pastor, mas voltado para acompanhar desde a fase inicial do Ensino Fundamental até o termino do Ensino Médio. Ao refletir sobre essa vivência e a tomando como experiência, percebo que foi nesse espaço/tempo que aprendi valores que me guiam até hoje, por conviver com pluralidade de pessoas e personalidades distintas e, por ter uma tendência a me encantar por projetos voluntários que buscam a transformação social.

E talvez seja por isso que eu tenha escolhido a extensão universitária como meu objeto de pesquisa.

Agora eu entendo o tempo não ser linear, porque sem querer acabei adiantando um período na minha memória para explicar esse projeto do qual fui parte integrante.

Voltando aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Estudei a maior parte do tempo na “Escola Estadual Prof. Martinho Sylvio Bizutti”. A única coisa que me recordo desses anos iniciais é de chorar por não querer ficar na escola de manhã (odiava acordar cedo, na verdade, ainda odeio) e do lanche que tinha dias que era divino e dias que era péssimo. No 4º ano mudei de escola, fui para a “Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Dantes”, no período vespertino, e tive uma professora que infelizmente não lembro o nome (lapsos de amnésia), mas que gostava muito.

A menina que eu era, estava numa fase bem curiosa da vida e tão ansiosa por respostas que mal esperava a professora começar a escrever no quadro e já logo perguntava o porquê. Coitada dela! Era bombardeada de perguntas! E assim a professora do 4º ano, me apelidou carinhosamente de "a menina dos porquês" e sempre me dizia: espera eu pelo menos terminar a frase.

Sempre tive uma relação boa com os meus professores, e uma má com os meus colegas de sala, pois enquanto os professores me adoravam, os meus colegas me detestavam por tirar as melhores notas e ter uma boa relação aluno-professor.

Apelidos como "puxa-saco", "nerd", "cdf" e "quatro olhos" eram dados a mim. Cheguei à conclusão de que sempre sofri *bullying*, em todas as etapas da minha formação acadêmica e que mesmo sem entender isso na época, assumi a dor e a delícia de ser quem eu era.

No 5º ano, retorno ao "Bizutti" e lá encerro a minha vida escolar (5º, 6º, 7º, 8º do Ensino Fundamental e 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio). Pensa numa fase estranha da vida, onde tudo cresce desregulado e desigual, espinhas gigantes, oleosidade gritando na testa ("o patinho feio" versão feminina) que tem proporções maximizadas de sentimentos.

Ninguém da Família pensava ou falava sobre a formação superior. Nenhuma menção a faculdade ou centro universitário. Nenhuma pista sobre o que seria graduação. Continuava sem nenhum sinal de universidade no meu caminho mesmo estando na 3ª geração da família a partir da Dona Nega.

Nesse período fui uma adolescente muito introspectiva, com poucos amigos - no máximo três que ficávamos juntos durante os intervalos das aulas matinais da escola – apesar da convivência com muitas pessoas nas aulas à tarde no Centro Estudantil e repleta de amores platônicos.

Como diz a minha psicóloga Cássia – "No fundo, o ser humano só quer amar e ser amado".

E assim foi minha rotina por toda a adolescência. Aulas escolares de manhã e aulas de reforço e estudo bíblico à tarde.

Percebo aqui, que tudo isso construiu quem eu sou hoje, e falando sobre isso, narro a minha história e tomo consciência sobre os fatos que reelaboro. Um exemplo é a troca de experiência presentes nas cartas de meus padrinhos australianos, uma troca de culturas, línguas e doação de tempo e memórias. Pensa que estranho era ter que falar sobre mim para pessoas desconhecidas de presença física e receber delas as suas histórias.

Mas hoje tenho a consciência que foi através desse exercício das cartas que me aproximei da escrita e ao qual dou um novo sentido a essa estranheza, a ressignificando, pois ao narrar a minha história a vivo.

Ao término da fase “treva” da adolescência e ao terminar o Ensino Médio fiquei um bom tempo sem estudar por questões financeiras e questões estruturais.

Aqui, já sabia da existência da Universidade, já almejava tê-la.

Mas querer, não é poder. E um ponto importante é o da logística para essa continuidade nos estudos, já que em Igarapava onde eu morava, não tinha universidade pública e as universidades particulares eram nas cidades vizinhas, como Franca, Uberaba, Ituverava e outras.

Engraçado que mesmo com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), ser uma possibilidade, não sei o porquê, mas não chegava a mim nenhuma informação sobre a sua existência. Há um vazio no Ensino Médio sobre a Universidade. Talvez faça parte dos planos maiores daqueles que esperam uma nação apartada do conhecimento.

Talvez tenha havido uma falta de interesse de minha parte procurar saber sobre universidades públicas. Talvez a falha tenha sido da própria universidade que não divulgava o acesso das cidades próximas até ela. Enfim, cheguei a fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), na Universidade de Uberaba (UNIUBE), assim só por fazer.

Lembro-me de ficar encantada com a sua estrutura arquitetônica e triste ao mesmo tempo, por acreditar que aquilo não era para mim, pois foi assim que tomei nota da cisão entre Ensino Superior público e privado. Já tinha ouvido falar das particulares e das “federais”, mas fazer o ENEM para a pública em uma particular foi estranho para dizer o mínimo.

Foi o mais perto que cheguei de uma universidade até então.

Enquanto isso, o FORPROEX, aprovava o Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2001b), que institucionalizava a Extensão Universitária, um reconhecimento no campo da extensão como uma forma de acesso a essa universidade.

Apesar de curtir uns anos de ócio produtivo, fiz um curso técnico em Segurança do Trabalho, por um ano e meio (2006 a 2007), no Instituto de Escolas Técnicas e Industriais (I.E.T.I.), porém por inadimplência financeira e falência da escola, não consegui pegar o diploma.

Entre os aerodispersóides[3] de incertezas da vida, uma briga na família, me fez parar em Catalão-GO. No começo não foi fácil, dividida entre a esperança e o medo do fracasso em um ambiente novo e, porque não dizer hostil.

Mas aqui cheguei em 2009, com alguns cachorros, um botijão de gás vazio, um amontoado de roupas e tristezas na alma/coração. Eu, minha mãe e a minha irmã Aline. Achamos abrigo com o, agora, ex-cunhado, que na época, era atual namorado da irmã. Mais uma vez o tempo brinca como uma criança, entre o ontem, o hoje e o amanhã.

E foi aqui, que tive a oportunidade de conhecer várias pessoas, trabalhar em vários lugares, inclusive como autônoma vendendo pão de mel para o sustento e sobrevivência da minha família. Nessas andanças e sobrevivências fiquei sabendo do cursinho Pré-Vestibular Israel Macedo. Pensei: Porque não?

Estava desatualizada de tudo e queria estar por dentro das atualidades e recordar conhecimentos. Apenas isso. Não tinha a pretensão de prestar o vestibular, nem de fazer curso algum de graduação. Eu não queria, talvez incrustada em mim a ideia de que não podia. Mas a vida quis que sim.

Entrei no cursinho em 2010, na época em que o quadro de professores era muito bom, disputadíssimo entre os alunos e "não deixava a desejar para nenhum dos cursinhos particulares". Para estes professores a Universidade era a chance de realizar os nossos sonhos (um lugar de conhecimentos e infinitas possibilidades), e o cursinho a porta de entrada.

Essa gestão (professores e diretor) fez um bom trabalho motivacional entre os alunos, tanto que pessoas que assim como eu que não tinham a menor intenção de fazer um curso superior mudaram de ideia. Mas e aí? Qual curso fazer?

Pergunta difícil que nunca tinha conseguido responder, pois sempre quis ser um pouco de tudo: bailarina, escritora, atriz, atleta e outras. Para que ser uma só, se posso ser várias não é mesmo?

Já que pela emoção não conseguia me decidir, fui pela razão. Olhei os cursos que a UFG-RC oferecia e dentro das escolhas possíveis, por eliminação fiquei entre dois: a Educação Física e a Matemática.

Não é à toa que muitas pessoas nunca entram na universidade pela sua primeira opção de curso. Digo isto, porque apesar de pública, a universidade tem gastos, seja com material,

[3] Termo técnico utilizado para a dispersão de partículas sólidas ou líquidas prejudiciais à saúde humana que se misturam no ar que respiramos. Exemplos mais comuns são: poeiras, fumos, névoas, fibras e neblinas. A exposição prolongada, constante e sem proteção aos aerodispersóides pode causar doenças respiratórias, afastamento do trabalho e morte.

seja com locomoção, seja com alimentação. E para fazer a graduação, além dos estudos eu teria que continuar trabalhando e isso influenciou diretamente na escolha do curso.

É justo? Não é, mas não deixa de ser uma porta de entrada para o ensino superior.

Eis, a Torre de Marfim que especificarei mais adiante.

Fui até a secretaria do curso de Educação Física e perguntei a grade das disciplinas ofertadas durante os semestres, apesar de ser o curso que mais odiava dentre "as minhas escolhas", para a minha surpresa eu adorei. Tinha resolvido e olha que nem cheguei a olhar as disciplinas do outro curso, pois mesmo gostando muito de Matemática, ter tirado sempre boas notas e ser referência de boa aluna para os professores, tem duas partes dela que eu sou péssima: a geometria e a física.

Em 2009, prestei o vestibular, que era o antigo processo de ingresso no Ensino Superior adotado pela UFG-RC, em duas etapas, composta por provas objetivas com questões fechadas, e prova discursiva com questões abertas e separadas por áreas de atuação. Fiz as provas na própria UFG-RC. Foi muito bom estar nela, como aspirante a ingressante porque até então eu apenas passava na frente dela, no máximo passava por ela quando eu e minha mãe queríamos cortar caminho do quarteirão.

Me dediquei ao máximo, foquei na redação e na segunda etapa, que era a mais difícil. Fechei as cinco questões abertas de matemática e para a minha surpresa, mesmo vindo de escolas públicas, e após sete anos sem estudar sobre as disciplinas do currículo escolar, apenas com o cursinho, passei em quarto lugar. Depois percebi que as licenciaturas são mesmo porta de entrada na torre.

1.3 A Universidade, a graduação, a pós-graduação e os projetos de extensão

Quando cheguei na UFG, ela ainda era regional de Goiânia, logo era UFG-RC. E por isso optei por classificar a nomenclatura como UFG-RC/UFCAT por ser exatamente esse período que vivenciei da transição e luta pelo seu desmembramento durante o tempo em que cursei a graduação e pela sua emancipação da UFG, através da Lei nº 13.634/2018, que presenciei na pós-graduação e, além do fato que o recorte temporal da pesquisa abarca toda essas transformações.

Logo, seria injusto especificar apenas como UFG-RC ou apenas como UFCAT.

Durante a graduação fui me descobrindo, descobrindo a Educação Física e, as ações de extensão, dentre elas, os projetos.

A universidade, a graduação e a extensão são bem diferentes do que eu imaginava, via e ouvia por aí. Antes, pensava que a universidade era algo inatingível para uma parcela da população, e eu me incluía nessa parcela.

Paul Wolff (1993) em sua obra "O ideal da universidade" apresenta quatro (04) modelos "ideais" para entender a universidade como instituição. São eles: a) A universidade como santuário do saber (modelo base na história da universidade); b) A universidade como campo de treinamento para as profissões liberais (um modelo que vigora na sua atual natureza); c) A universidade como agência de prestação de serviços (um modelo de projeções de tendências atuais e na forma que a universidade poderá vir a ser) e; d) A universidade como linha de montagem para o homem do sistema (um antimodelo).

Na época a via como o primeiro modelo, a Torre de Marfim que tanto falo.

De fato, concordo com o autor, pois era essa a ideia que tinha, um santuário do saber de intelectuais e estudantes que aprofundavam as suas discussões em uma leitura comum, e que era acessível para poucos especialistas.

Mas graças a Deus a Torre de Marfim foi superada, pelo menos para mim.

Hoje a vejo mais como uma Torre de Babel, nomenclatura usada por Paul Wolff (1993) e por Anísio Teixeira (1998) para descrever a pluralidade de docentes, discentes, cursos, espaços e arranjos institucionais ao qual a universidade se transformou. Gosto particularmente de uma frase de Anísio Teixeira que diz assim:

> [...] a força do tempo é maior e a universidade fez-se não a torre de marfim mas talvez a de Babel, com atividades intelectuais dos mais diversos níveis, com a mais extrema mistura de cultura teórica e prática e com tamanha população de professores e alunos que já não é mais uma comunidade mas várias e contraditórias comunidades [...] (TEIXEIRA, 1998, p. 47).

Quanto ao curso de Educação Física, tive um choque de realidade.

Disciplinas como Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação; Políticas Educacionais no Brasil; Introdução ao Pensamento Científico I e II; Psicologia Educacional I e II; Antropologia do Corpo e; Sujeito, Aprendizagem e Educação Física fizeram parte da matriz curricular.

A verdade é que ao ter essas disciplinas a ficha caiu, a chave virou.

E compreendi que a Educação Física é muito mais do que uma educação do corpo, ela é uma educação do corpo e pelo corpo, que une o ser como um todo: tentando enxergá-lo não somente como um corpo, mas um corpo onde habita uma alma que pensa.

E, eu, como futura professora, tive que buscar entender essa totalidade do ser.

No primeiro semestre da graduação, fui contemplada com duas bolsas de assistência estudantil: bolsa permanência e bolsa alimentação (ainda não existia o Restaurante Universitário). Para receber o valor da bolsa permanência os estudantes tinham que participar de algum projeto de extensão do coordenador ao qual ele foi alocado.

E assim aconteceu, entrei nesses projetos no segundo semestre de curso e terminei neles. É por isso, que hoje me vejo como "filha" da extensão.

Fui monitora no projeto do Laboratório de Práticas Esportivas e Lutas (LABPEL).

O LABPEL fazia reuniões quinzenais para discutir os projetos, além do grupo de estudo que escolhia sempre uma obra para aprofundamento.

Lembro da "Tia Heliany" (Coordenadora do LABPEL, Professora do curso e minha orientadora e "mãe" na graduação) sempre me falar "aproveita esse tempo para estudar, aproveita para viver a universidade, aproveita que passa rápido" e não é que a danadinha estava certa.

Eu e outras bolsistas cumpríamos 20 horas semanais, divididos em quatro horas por dia de segunda a sexta. Nesse período, podíamos estudar, participar de algum projeto, ajudar o coordenador do laboratório, participar do grupo de estudo ou ajudar a desenvolver algum projeto.

Eu diria que era como um reforço das funções da universidade que o aluno bolsista tinha a chance de ter e viver.

Logo, no projeto intitulado como Práticas Aquáticas fui professora de natação (crianças, adolescentes e adultos) e de hidroginástica (adultos) no Complexo Poliesportivo do Curso de Educação Física por três anos e meio.

Fui, como se diz, "com a cara e a coragem", pois sabia um pouco da teoria (inclusive ainda estava cursando a disciplina de Metodologia de Ensino e Pesquisa em Natação) e de hidroginástica não entendia nada.

Pesquisei, salvei e imprimi uma apostila de exercícios aquáticos, baixei as músicas e fiz um roteiro da aula.

Fui com o nó na garganta para as primeiras aulas, era o medo. Medo de ser ruim como professora, medo de não dar conta de ter uma metodologia didática.

A teoria foi importante, mas aprendi que extensão se faz na prática. É na prática que você compreende que a metodologia do papel nem sempre condiz com a realidade social e necessidade de aprendizagem dos alunos.

Uma das alunas mais desafiadoras que encontrei foi a "Bethy", ela tinha fobia de água, e tive que fazer um plano diferente da aula só pra ela. Ainda bem que nessa época eu tinha a

Bruna, minha fiel companheira de curso, e que me ajudava nos projetos mesmo não ganhando bolsas. Enquanto eu tentava adaptar a "Bethy" ao meio líquido, ela ficava com o restante da turma de hidroginástica. Foi muito gratificante, ver a evolução de cada aluno (adulto ou criança), ver a nossa evolução como "tia", "professora", "fêssora".

Como queria viver aquilo tudo, estudava de manhã e ficava no laboratório à tarde e participava de eventos a noite. Houve épocas inclusive que minha mãe me sugeriu levar um colchão para dormir na universidade.

Vejam só, a universidade que antes era algo impossível tinha se tornado minha segunda casa. Não sem um custo. Entrar na torre exige. Ficar na torre exige muito mais.

Mas voltamos à extensão, o primeiro projeto que tive contato foi o Corpoencena que realizava apresentações de teatro, oficinas de dança, ginástica geral e manifestações corporais. O mais legal era que ao final de cada encontro, fazíamos uma roda de conversa onde cada integrante expressava sobre a aula/apresentação e discutíamos temas que eram relevantes para a sociedade como a acessibilidade.

Lembro-me como se fosse ontem a primeira viagem que fizemos juntos para uma apresentação no 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU) que aconteceu em Porto Alegre. Áh que viagem, que experiência incrível! Naquela cidade linda, tantas apresentações culturais. Sério, a turma toda ficou encantada com o evento e foram unânimes ao afirmarem que essa foi uma das melhores viagens que fizemos.

Além dos projetos de Práticas Aquáticas e Corpoencena perambulei por outros projetos, digo isso porque não fui como integrante e sim como participante/ouvinte.

Projetos como a Ludoteca da professora "Carminha", e o Basquetebol em Cadeira de Rodas da professora Lana.

Talvez isso explique a escolha do meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ter sido sobre as políticas de esporte e lazer na Regional Catalão, politicas essas que são a garantia do acesso à universidade através de projetos de extensão.

Afinal "A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte..." – título do meu TCC, e agora título também dessa dissertação - e que resume muito esse direito ao acesso da universidade pela comunidade.

Esse trecho da música "Comida" de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto, sempre me fez refletir muito sobre direitos e oportunidades.

E parafraseando para a discussão em questão: "A gente não quer só ensino, a gente quer ensino, pesquisa e extensão...".

Enfim, os projetos dos quais participei (seja como integrante, seja como ouvinte) tinham uma concepção dialógica, porque ora garantia o acesso a direitos sociais como o esporte e o lazer, ora discutiam e incitavam o pensamento crítico nos alunos, ora buscavam alcançar a comunidade, mas levando em consideração suas demandas e necessidades.

Além dos projetos que mencionei acima, ao final da graduação fui bolsista PROBEC e participei do Projeto de Atividade Físico-Recreativa para Idosos de Instituições Asilares, da professora Cristiane, por seis meses.

Olhando para o meu passado vejo que, na verdade se eu não tivesse participado desses projetos talvez eu não seria a Amanda de hoje, e com certeza não daria o valor que a extensão merece. O papel da formação social do estudante.

Questiono-me se quem não participa da extensão conhece esse lado da universidade?

Provavelmente não.

Digo e afirmo com todas as letras que foram esses momentos de formação, praticas corporais e culturais que construíram em mim uma identidade que se revelara antes na infância, na adolescência e na fase adulta: uma pessoa que busca incessantemente por perguntas e respostas.

Abaixo listo alguns projetos e ações de extensão e cultura que participei e que fizeram parte da minha jornada:

Tabela 1 - Dados referentes a minha formação acadêmica pelas ações de extensão

Local	Tipo de ação	Período	Título	Modalidade	Carga Horária
UFG/CAC	**Extensão de Ensino**	03/12 a 12/2013	Centro de Línguas - Curso Básico de Inglês	Aluna	256 h/a.
UFG/CAC	**Extensão de Ensino**	Ano de 2012	Grupo de Estudo: abordagens pedagógicas em Esportes e Lutas	Participante	40 h
UNESP-Rio Claro	**Evento de Extensão**	30/09/2011 a 01/10/2011	Conversas com quem gosta de Atletismo VI	Ouvinte	13 h
UEG/ESEFFEGO	**Evento de Extensão**	27/10/2011 a 29/10/2011	III Festival de Ginástica para Todos e Dança...	Participante	20 h
UFRGS	**Evento de Extensão**	08/11/2011 a 11/11/2011	5º CBEU – Congresso Brasileiro de Extensão Universitária	Participante	48 h
UFG/CAC	**Evento de Extensão**	02/12/2011	I Fórum Municipal de	Ouvinte	08 h

			Educação Infantil de Catalão		
UFG/CAC	**Evento de Extensão**	13/03/2012	2ª Conferencia dos Direitos da Criança e do Adolescente...	Ouvinte	12 h
UFG/CAC	**Evento de Extensão**	24/05/2012 a 27/05/2012	XVI EREEF – Encontro Regional dos Estudantes...	Ouvinte	60 h
UFG/CAC	**Evento de Extensão**	23 25/10/2013	III Simpósio Nacional Gênero e...	Comissão Organizadora	40 h
UFG/CAC	**Ação de Extensão e Cultura**	21/02/2011 a 25/02/2011	Calourada Cultural Unificada 2011...	Ouvinte	30 h
UFG/CAC	**Ação de Extensão e Cultura**	16/04/2013 a 20/04/2013	Calourada Sócio Cultural – 2013	Ouvinte	30 h
UFG/RC	**Ação de Extensão e Cultura**	11/11/2013	I Visita Orientada Redescobrindo a Educação Física...	Monitora	8 h
UFG/CAC	**Ação de Extensão e Cultura**	03/12/2013 a 30/04/2014	Tarde de Lazer no Campus	Participante	20 h
UFG/CAC	**Projeto de Extensão**	24/08/2011	IV Feira de Profissões do CAC	Expositora	10 h
UFG/RC	**Projeto de Extensão**	05/04/2011 a 10/11/2012	Corpoencena, formação cultural, e experiencia Estética...	Integrante	204 h
UFG/CAC	**Projeto de Extensão**	01/03/2012 a 14/12/2012	A Ludoteca vai...: à Praça, à Escola, ao Hospital, à Comunidade	Monitora	15 h
UFG/CAC	**Projeto de Extensão**	04/05/2013 a 13/12/2013	Brincando e jogando com os esportes e lutas no Campus	Coordenadora	100 h
UFG/CAC	**Projeto de Extensão**	17/03/2012 a 05/12/2014	Iniciação Esportiva: brincando e jogando com os esportes e as lutas no Campus	Monitora	300 h
UFG/RC	**Projeto de Extensão**	Ano de 2014	Atividade Física-Recreativa para Idosos...	Monitora	40 h

Fonte: Elaborado pela autora.

Vejam, vivenciei mais de 1200 horas de ações de extensão e cultura, e projetos com várias concepções.

Teve extensão com foco no ensino, extensão com concepções assistencialistas, prestação de serviços, extensão dialógica – essa última acredito ser o caminho que a extensão universitária deve seguir.

Em 2014, terminei a graduação com a certeza de ter me permitido/ vivido tudo o que a universidade e os projetos de extensão tinham para me oferecer de formação. Ao final desse ano, a minha orientadora "Tia Heliany", me convenceu a tentar o mestrado em Educação.

Ela, a professora Cristiane e "minha *best*" Renatinha me convenceram e resolvi tentar como aluna especial – a chamo assim porque nos conhecemos no curso de inglês ofertado pelo Centro de Línguas que fiz durante a graduação.

Caprichei na escrita da minha carta justificativa e pasmem, fiquei em último lugar. Fiquei com muita raiva e jurei para mim mesmo nunca mais tentar.

É engraçado que ao superar a Torre de Marfim, me deparei com outra torre de difícil acesso na universidade: o mestrado. Olhando de fora, era mais um degrau do castelo, para subir em direção a torre e ver como era a vista lá de cima.

Cinco anos depois a Renatinha não desistiu de mim e lá foi mais uma vez tentar me convencer, fazer o papel da boa amiga e me persuadir a tentar mais uma vez. A ideia era que fizesse o processo como aluna especial, porém nos equivocamos no prazo e perdi a oportunidade. Então pensei, vou tentar como aluna regular e se for para correr o risco de ser recusada de novo que seja no curso todo e não somente em uma disciplina. Como diz a minha avó: "já que está na chuva é para se molhar".

E lá fui eu mais uma vez dar a cara a tapa, mas tentei levar esse processo etapa por etapa. Logo me preocupava somente com o que tinha para fazer hoje, sem pensar no futuro e sem olhar a rejeição do passado - aqui há traços do imaginário social o qual carreguei na minha infância e adolescência inteira, de que estar em uma universidade não era meu lugar.

Eis aqui o segredo da vida que muitos autores dizem ser: viver o hoje.

Parece fácil, não é? Não, não é. Pelo menos não para mim, que tenho uma ansiedade que me consome por querer as coisas resolvidas logo. Imediatista em alto grau. Só que a vida não é assim, ela não vem pronta, ela é mais feita de esperas do que ações, mais temos perguntas do que respostas. E entender que viver o hoje é preciso, leva um certo tempo.

Um dia chego lá..., mas enquanto não chego voltamos ao processo do mestrado no qual fiz etapa por etapa, com calma e para o meu espanto, já que não acreditava em cada etapa que passava – nossa! quando eu vi a prova de conhecimentos específicos, falei para mim mesma baixinho: - Meu Deus, agora eu fico. E não é que não fiquei? Olha a vida aí me surpreendendo mais uma vez.

Na etapa das entrevistas, sai de lá arrasada, do tanto que os professores da banca me apertaram de perguntas e da sensação que tive que meu projeto estava uma *&%$ (sim, podes pensar em algum palavrão). Porém, alguém tinha visto uma luz no meu projeto e me disse isso tempos depois: a querida e "amorzinho": Juliana Pereira de Araújo.

E cá estou eu, no mestrado, convivendo com pessoas de diversas faixas etárias, visões de vida e valores diversos. Cá estou apresentando um memorial pós-estruturalista[4], rechaçando os muros linguísticos do castelo.

Reuni neste tempo de mestrado minha vida, a universidade e a extensão. Revi a universidade mais uma vez agora a partir de sua estrutura e organização. Me pareceu inédita outra vez. Olhando de dentro, um espaço de nascimento do pesquisador, da pesquisadora. Outra chave de virada.

Atualmente a UFCAT tem uma oferta de 29 (vinte e nove) cursos de graduação na modalidade presencial e 2 (dois) cursos de graduação na modalidade a distância.

Os cursos na modalidade presencial são:

- Administração (Bacharelado);
- Ciências Biológicas (Bacharelado ou Licenciatura);
- Ciência da Computação (Bacharelado);
- Ciências Sociais (Bacharelado ou Licenciatura);
- Educação Física (Licenciatura);
- Educação do Campo (Licenciatura);
- Enfermagem (Bacharelado);
- Engenharia Civil (Bacharelado);
- Engenharia de Minas (Bacharelado);
- Engenharia de Produção (Bacharelado);
- Engenharia Mecânica (Bacharelado);
- Engenharia Mecatrônica (Bacharelado);
- Física (Bacharelado ou Licenciatura);
- Geografia (Bacharelado ou Licenciatura);
- História (Bacharelado ou Licenciatura);
- Letras – Português (Licenciatura);
- Letras - Português/Inglês (Licenciatura);

[4] O pós estruturalismo caracteriza-se como "um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora o termo não deva ser utilizado para dar qualquer ideia de homogeneidade, singularidade ou unidade. O termo 'pós-estruturalismo' é, ele próprio, questionável" (PETERS, 2000, p. 28).

- Matemática (Licenciatura);
- Matemática Industrial (Bacharelado);
- Medicina (Bacharelado);
- Pedagogia (Licenciatura);
- Psicologia (Bacharelado/Licenciatura);
- Química (Bacharelado ou Licenciatura).

E na modalidade a distância: Administração Pública e Matemática. Na pós-graduação são ofertados 11 (onze) cursos de mestrado que são:

- Mestrado Profissional em História;
- Mestrado Profissional em Matemática;
- Mestrado em Modelagem e Otimização;
- Mestrado em Estudo da Linguagem;
- Mestrado em Educação;
- Mestrado em Engenharia de Produção;
- Mestrado em Engenharia Civil;
- Mestrado Profissional em Gestão Organizacional;
- Mestrado em Geografia;
- Mestrado Profissional em Ensino de Física;
- Mestrado em Química.

E 3 (três) Doutorados:

- Doutorado em Ciências Exatas e Tecnológicas;
- Doutorado em Química e;
- Doutorado em Estudos da Linguagem.

Há, portanto, solidez no ensino e na pesquisa. Mas é imprescindível a garantia do tripé que fundamenta a universidade, logo há que se ocupar da extensão. Digo isso, porque fiquei espantada ao observar que muitas pessoas que já passaram por todo um processo educativo, chegando inclusive à Pós-graduação desconhecem o que é a extensão.

Por exemplo, em um dos laboratórios de escrita e análise da dissertação realizada na disciplina de Seminário de Pesquisa II, da linha Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto) Biográfica, do Mestrado em Educação ao qual faço parte, dois alunos deram os seus pareceres sobre o meu objeto de pesquisa. A seguir,

> [...] Ao transcrever o objetivo e o recorte temporal da pesquisa, confesso que sempre ouvi da extensão universitária e nunca entendi direito e não busquei essa compreensão. Embora fundamentada ainda persiste a minha dúvida e curiosidade sobre o tema. Na discussão do seminário anterior como ouvinte percebi a relevância do tema, ainda não tenho como tecer sugestões ou criticas ao projeto apresentado. Porém desejo que trilhe um bom caminho nesse objetivo traçado e que possamos aclarar nossas dúvidas (ALUNO 01, SEMINÁRIO DE PESQUISA II, 2019).

> [...] Trata-se de um tema do qual não possuo maiores conhecimentos, portanto, caso me aventurasse a traçar comentários, eles não seriam relevantes, mas sim, meras opiniões sem fundamento [...] (ALUNO 02, SEMINÁRIO DE PESQUISA II, 2019).

Se é indissociável o ensino, a pesquisa e a extensão não podemos mais admitir que alunos da IES passem pela graduação sem ao menos saber o que é a extensão.

Será que eles realmente não sabem o que é a extensão ou não relacionaram as ações vivenciadas na graduação com o conceito? Em quais caminhos eles percorreram na universidade para não terem visto, ouvido ou vivido ações de extensão?

O que faltou para esses alunos? Foi uma falha deles? Foi da instituição? Foi da extensão?

São pontos a serem pensados, pois é no mínimo relevante questionar qual caminho a extensão tem trilhado na universidade. Ou será que a extensão ainda está no processo de encontrar um caminho para as suas ações?

Talvez. Talvez não se esteja tão longe assim. Vai ver que já estamos no rumo certo e só falta compartilhar as rotas. Talvez aqui eu consiga entender com essa escrita de mim e com os documentos analisados como se deu os caminhos da minha vida e as fases/faces da extensão.

A “Amanda” de hoje traz marcas de ontem e teme pelo amanhã, busca se encontrar ou se perder das suas concepções, da sua ideia de mundo para assim poder enxergar um mundo maior do que ela fosse capaz de entender que existia.

Ainda continuo a mesma menina/mulher ansiosa por encontrar um caminho e deslumbrada pelo mundo fantástico e novo – a pós-graduação.

Sim, essa sou eu. A menina dos porquês cresceu e se tornou uma mulher que busca incessantemente entender o sentido da vida, descobrir o porquê veio e para que veio a esse mundo, para onde vai e como vai.

Aprendi no mestrado que nem todas as perguntas terão respostas e mesmo que tenham elas podem mudar ou ganhar um novo significado ao decorrer da vida. Tudo muda a todo o tempo e o tempo todo.

Talvez, apenas viver não basta, é preciso questionar-se, tentar entender o porquê.

Para quê? Para quem? Por quê? Por quem?

Perguntas, perguntas e mais perguntas. Mas como disse Paul Ricoeur “una vida no examinada no es digna de ser vivida” (RICOEUR, 2006, p. 09).

E pensando em quem eu sou hoje e no meu entendimento de quem eu fui, nessa relação de presente-passado/presente-presente/presente-futuro das minhas memórias, concordo com Hossein (2010, p. 29) ao dizer que o processo de construção identitária não pode ser “descolado das memórias do passado, mas encharcado destas a fim de tentar recriá-la na busca de hipóteses que possibilitem novos sentidos para o próprio viver [...]”.

Aqui percebo como a figura do professor foi significativa para a minha formação humana através da formação acadêmica desde os anos iniciais de vida. Trago na lembrança sempre um professor ou uma professora estimulando minha criatividade, me dando liberdade para os meus porquês, e me ajudando a encontrar o caminho que possibilitasse outras perspectivas de vidas, outros caminhos que me trouxeram para onde hoje estou, uma mestranda em Educação.

Olha que orgulho! Encho até a boca para falar isso!

E é isso, estou aqui no meu presente-presente recordando os caminhos que trilhei e descobrindo que tudo faz sentido. Desde a ida precoce para a creche à escolha do curso da disciplina mais odiada no colégio, desde a primeira letra do alfabeto à última palavra ainda não escrita, desde o primeiro passo à última corrida até a finalização desse memorial, desde o primeiro granido a todos os gritos, desde a primeira professora que a vida me deu –a minha avó “Dona Nega” (Josefina) ao último saber que não poderei descrever.

Tudo o que eu consigo concluir nesse exato momento é que era para ser.

Era para estar aqui. Era para escrever esse memorial. Era para ser a extensão universitária como objeto de pesquisa. Era para você estar lendo essa pesquisa. Era para termos nos encontrado. Áhh e quão grata eu sou com a vida por isso!!

E acreditar nisso me faz refletir que a “Amanda do futuro” não tem muito tempo a perder e a sua sede pelo amanhã é ansiosa e grande, porém ela tenta ir com calma afinal “o fim é belo incerto, depende de como você vê, o novo, o credo, a fé que você deposita em você e só, só enquanto eu respirar... só enquanto eu respirar” (O TEATRO MÁGICO, 2003).

1.4 Considerações Parciais

Neste capítulo pude fazer um exercício de reviver minhas memórias e de minhas progenitoras para a escrita do memorial buscando ver nos subterrâneos dessa história as visões sobre educação, universidade, formação. Revisitei desde a creche nos primeiros anos

de vida até a pós-graduação, com duas graduações em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) e o mestrado que agora concluo.

Pude perceber pela ausência da universidade na trajetória de minha família a Torre de marfim, inatingível para muitos. E pela minha trajetória encontrei a Torre de Babel, modelo atual. que pode ser transformada ao longo dos anos, acredito eu, que pela política de extensão que traz consigo essa marca em garantir à sociedade a participação e o acesso a direitos sociais.

O esporte, o lazer, a cultura, a prestação de serviços, o ensino e a pesquisa presente nas ações de extensão demonstram que a universidade transcende a ideia de apenas ser um espaço para pessoas com o intelecto acima da média ou para preparar pessoas para o mercado de trabalho.

Ela tem a obrigação de incitar o pensamento crítico de seus alunos, ser um espaço de resistência e mudança e com isso garantir uma transformação social para ela/por ela e para a/pela sociedade.

Uma transformação social que atingiu a vida de três gerações: Minha avó, minha mãe e eu. Elas veem através de mim, a universidade da qual nunca puderam participar.

CAPÍTULO II

A extensão universitária e o panorama dos projetos de extensão na UFG-RC/UFCAT

Introdução

Neste capítulo apresento as bases legais da extensão universitária (parto do campo das políticas educacionais) o que implica discutir um conjunto de documentos e leis constituído pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 (BRASIL, 1996), pelos Planos Nacionais de Educação (BRASIL, 2001a; 2014) (que orientam os períodos de 2001 a 2010 depois de 2014 a 2024), pelo Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2001b), pela Política Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2011) e pela proposta de Minuta de Curricularização da Extensão da UFCAT (UFCAT, 2020). Na sequência apresento um panorama dos projetos de extensão na UFG-RC/UFCAT cadastrados entre os anos de 2017 e 2020[5]. A intenção é descortinar a extensão como um retrato e assim visualizar o que nela se projeta nestes dias.

2.1 Bases da Extensão Universitária

As primeiras atividades de extensão universitária no Brasil foram realizadas no século XX pela Universidade de São Paulo (USP) na forma de cursos e conferências a partir de 1911 e pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa no formato de prestação de serviços. Desde então uma série de avanços ocorreram tanto na compreensão do que seja a extensão como em sua sistemática de realização (FORPROEX, 2012).

A maior parte destes avanços se consolida a partir do momento em que passam a constar no texto das legislações educacionais e, é observável também no texto da Constituição da República Federativa do Brasil (CF) promulgada em 1988, em seu artigo 207 o princípio constitucional de indissociabilidade entre o Ensino, a Pesquisa e Extensão (BRASIL, 1988). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) traz evidências aferida às atividades extensionistas e de como a extensão deve ser garantida no âmbito do Ensino superior enquanto uma das várias atribuições da universidade, e é pertinente destacar dela alguns artigos e o faço a seguir (BRASIL, 1996).

[5] Pesquisa documental encerrada em 01 julho de 2020.

> Art. 43. A educação superior tem por finalidade:
> VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.
>
> Art. 44. A educação superior abrangerá os seguintes cursos e programas:
> IV - de extensão, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino.
>
> Art. 52. As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por:
>
> Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:
> III - estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão;
>
> Art. 77. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas que:
> § 2º As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do Poder Público, inclusive mediante bolsas de estudo (BRASIL, 1996).

Documentos mais atuais como o Plano Nacional de Educação (PNE) que vigorou entre 2001-2010 avançam no sentido de metas dentre as quais a normatização da utilização de 10% da creditação curricular da graduação a ações/atividades extensionistas. É característico neste documento o estabelecimento de metas. Vejam mais algumas.

> 21. Garantir, nas instituições de educação superior, a oferta de cursos de extensão, para atender as necessidades da educação continuada de adultos, com ou sem formação superior, na perspectiva de integrar o necessário esforço nacional de resgate da dívida social e educacional.
>
> 22. Garantir a criação de conselhos com a participação da comunidade e de entidades da sociedade civil organizada, para acompanhamento e controle social das atividades universitárias, com o objetivo de assegurar o retorno à sociedade dos resultados das pesquisas, do ensino e da extensão.
>
> 23. Implantar o Programa de Desenvolvimento da Extensão Universitária em todas as Instituições Federais de Ensino Superior no quadriênio 2001-2004 e assegurar que, no mínimo, 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no País será reservado para a atuação dos alunos em ações extensionistas (BRASIL, 2001a, p. 36).

O Plano Nacional de Extensão Universitária (PNExt) e a Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU)

De modo mais específico é preciso citar a existência dos Planos Nacionais de Extensão Universitária elaborados pelo FORPROEX e pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e do Desporto (SESu / MEC). O Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2001b, p. 02) “reflete o compromisso da universidade com a

transformação da sociedade brasileira em direção à justiça, à solidariedade e à democracia.” e apresenta um conceito da extensão universitária originado no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão em 1987:

> A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como conseqüências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (BRASIL, 2001b, p. 1; PNEU, 2012, p. 15).

O tipo de universidade que mais se aproxima do que é proposto pelo FORPROEX, pelo plano e por mim, tem três funções sociais: o ensino, a pesquisa e extensão. Essas funções deveriam ser indissociáveis. Na teoria isso funciona, porém o que vejo na prática, é que cada uma dessas funções tem seu grau prioridade.

O ensino em primeiro, a pesquisa em segundo e ficando a extensão em terceiro lugar (desprestigiada), por isso faço uso do termo de “terceira função”.

Neste Plano observa-se a substituição desse caráter de “terceira função”, (inclusive foi nesse documento que tive o primeiro contato com esse termo) da extensão para uma visão ampliada, valorizada, fundamental que tem como filosofia ser

> [...] ação vinculada, política, estratégia democratizante, metodologia, sinalizando para uma universidade voltada para os problemas sociais com o objetivo de encontrar soluções através das pesquisas básica e aplicada, visando realimentar o processo ensino-aprendizagem como um todo e intervindo na realidade concreta.
>
> Ao reafirmar o compromisso social da universidade como forma de inserção nas ações de promoção e garantia dos valores democráticos, de igualdade e desenvolvimento social, a extensão se coloca como prática acadêmica que objetiva interligar a universidade, em suas atividades de ensino e pesquisa, com as demandas da sociedade (BRASIL, 2001b, p. 02).

Como objetivos da extensão esse documento preconiza dentre outras coisas:

> 1) Reafirmar a extensão universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade;
>
> 2) Assegurar a relação bidirecional entre a universidade e a sociedade, de tal modo que os problemas sociais urgentes recebam atenção produtiva por parte da universidade;

> 3) Dar prioridade às práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais emergentes como as relacionadas com as áreas de educação, saúde, habitação, produção de alimentos, geração de emprego e ampliação de renda;
>
> 4) Estimular atividades cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e/ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da universidade e da sociedade;
>
> 5) Enfatizar a utilização de tecnologia disponível para ampliar a oferta de oportunidades e melhorar a qualidade da educação, aí incluindo a educação continuada e a distância;
>
> 6) Considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais;
>
> 7) Inserir a educação ambiental e desenvolvimento sustentado como componentes da atividade extensionista;
>
> 8) Valorizar os programas de extensão interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou parcerias, e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade internacional;
>
> 9) Tornar permanente a avaliação institucional das atividades de extensão universitária como um dos parâmetros de avaliação da própria universidade;
>
> 10) Criar as condições para a participação da universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para se constituir em organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas;
>
> 11) Possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e transferência de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do país (BRASIL, 2001b, p. 04-05).

A Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU), elaborada também pelo FORPROEX, em 2012, apresenta os objetivos da Extensão Universitária. Fora os que se repetem acima, cito alguns deles:

> 2. Conquistar o reconhecimento, por parte do Poder Público e da sociedade brasileira, da Extensão Universitária como dimensão relevante da atuação universitária, integrada a uma nova concepção de Universidade Pública e de seu projeto político-institucional;
>
> 3. Contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País;
>
> 4. Conferir maior unidade aos programas temáticos que se desenvolvem no âmbito das Universidades Públicas brasileiras;
>
> 8. Defender um financiamento público, transparente e unificado, destinado à execução das ações extensionistas em todo território nacional, viabilizando a continuidade dos programas e projetos;
>
> 9. Priorizar práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais (por exemplo, habitação, produção de alimentos, geração de emprego, redistribuição de renda), relacionadas com as áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho;

> 15. Atuar, de forma solidária, para a cooperação internacional, especialmente a latino-americana (PNEU, 2012, p 09-11).

Vejam que os objetivos dessas políticas só reafirmam os objetivos do FORPROEX. E tanto o PNExt (BRASIL, 2001b) como a PNEU (2012) trazem objetivos repetidos ou que mudam poucas palavras. Alguns novos objetivos foram acrescentados neste último devido a transformações que tanto a sociedade, a universidade e a extensão sofreram ao longo dos anos.

E para o enfrentamento dessas transformações essa política ainda se pauta em oito áreas temáticas da extensão citados inclusive no objetivo 9, a saber: 1. Comunicação; 2. Cultura; 3. Direitos Humanos e Justiça; 4. Educação; 5. Meio ambiente; 6. Saúde; 7. Tecnologia e Produção e; 8. Trabalho.

Logo, as ações de extensão devem ser pautadas sobre essas áreas e abordar temas que envolvam todo esse universo temático de políticas sociais.

O Plano Nacional de Educação (PNE) - Lei nº 13.005/2014 - que estabelece metas para o período entre 2014 e 2024, portanto para os dias atuais avança ainda mais no fortalecimento da extensão universitária ao consolidar diretrizes, metas e estratégias para a política educacional e particularmente sobre a extensão que é a meta 12, o documento cria estratégias para a expansão dessa atividade com qualidade o que se destaca na estratégia 12.7 que visa, "[...] assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social" (BRASIL, 2014).

As Diretrizes da Extensão

O FORPROEX apresentou em 2012 as diretrizes da Extensão Universitária, reafirmando-a sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como "um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade." (FORPROEX, 2012, p. 15). Nestes termos ela deve promover o acesso a direitos políticos e sociais e garantir os "valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social." (FORPROEX, 2012, p. 16).

As diretrizes em questão direcionam a formulação e implementação das ações de Extensão, popularmente conhecidas como 5I's. São elas:

- Interação Dialógica – que consiste na troca de saberes entre a Universidade e Sociedade, evitando-se o discurso hegemônico acadêmico e produzindo um conhecimento novo através da interação dupla entre Universidade-Sociedade e Sociedade-Universidade.
- Interdisciplinaridade e interprofissionalidade – assunção da complexidade da vida e a da realidade social para superação de visões ora generalistas ora especializadas, que não compreendem o todo e sim apenas uma parcela.
- Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão – reafirmação da Extensão Universitária como parte integrante e imprescindível do processo acadêmico, vinculando-a para o ensino (processo de formação de pessoas) e a pesquisa (processo da gênese do conhecimento).
- Impacto na Formação do Estudante – defesa da ampliação da formação acadêmica do aluno, através das experiencias vividas e vivenciadas de forma teórica e metodológica das ações extensionistas.
- Impacto e Transformação Social – inter-relação da Universidade com os outros setores da sociedade com o intuito de uma atuação transformadora voltada principalmente para os interesses e necessidades da maioria da população e com isso promover um desenvolvimento social e regional.

Todas as diretrizes pressupõem a obediência a princípios básicos que também estão presentes no Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2001b). São eles:

> 1. A ciência, a arte e a tecnologia devem alicerçar-se nas prioridades do local, da região, do País;
>
> 2. A Universidade não pode imaginar-se proprietária de um saber pronto e acabado, que vai ser oferecido à sociedade, mas, ao contrário, exatamente porque participa dessa sociedade, ela deve ser sensível a seus problemas e apelos, sejam os expressos pelos grupos sociais com os quais interage, sejam aqueles definidos ou apreendidos por meio de suas atividades próprias de Ensino, Pesquisa e Extensão;
>
> 3. A Universidade deve participar dos movimentos sociais, priorizando ações que visem à superação da desigualdade e da exclusão social existentes no Brasil;
>
> 4. A ação cidadã das Universidades não pode prescindir da efetiva difusão e democratização dos saberes nelas produzidos, de tal forma que as populações, cujos problemas se tornam objeto da pesquisa acadêmica, sejam também consideradas sujeito desse conhecimento, tendo, portanto, pleno direito de acesso às informações resultantes dessas pesquisas;
>
> 5. A prestação de serviços deve ser produto de interesse acadêmico, científico, filosófico, tecnológico e artístico do Ensino, Pesquisa e Extensão, devendo ser encarada como um trabalho social, ou seja, ação deliberada que se constitui a partir e sobre a realidade objetiva, produzindo conhecimentos que visem à transformação social;

> 6. A atuação junto ao sistema de ensino público deve se constituir em uma das diretrizes prioritárias para o fortalecimento da educação básica através de contribuições técnico-científicas e colaboração na construção e difusão dos valores da cidadania (BRASIL, 2001b, p. 21-22).

O texto do documento não deixa de expressar a ciência aos desafios para normatização e implementação da extensão nos moldes propostos citando como exemplo os desafios da articulação com: as políticas públicas; os movimentos sociais; os setores produtivos; e obtenção de apoio à ampliação e democratização do Ensino Superior para que a extensão assuma de fato seu caráter emancipador e com potencial para a transformação social do seu objeto: a formação humana (FORPROEX, 2007).

Autores como Nomeriano, Moura e Davanço (2012) afirmam que a educação brasileira teve um enfraquecimento no modelo universitário baseado nesse tripé ensino-pesquisa-extensão, no governo de Fernando Henrique Cardoso pela perspectiva mercantilista que valoriza resultados como aqueles oriundos da pesquisa e que somente no governo de Luís Inácio Lula da Silva, começou o processo de contrarreforma universitária e a redemocratização da universidade. Foi naquele governo que diante da crise da Educação Superior foram implementadas ações que visavam o acesso ao Ensino Superior e a uma assistência estudantil. Dentre as ações "[...] ProUni e REUNI estão inseridos no quadro das políticas públicas relacionadas à "democratização" do acesso à educação superior" (NOMERIANO; MOURA; DAVANÇO, 2012, p. 06).

Isso teve um impacto direto nas IES sobretudo nas universidades já que nelas a extensão é atividade obrigatória. E é através da extensão que se reafirma a universidade como uma instituição pública, com ensino de qualidade e gratuito a todos. Vejo, através dela um instrumento de acesso e transformação.

O ProExt

O Programa de Apoio à Extensão Universitária (ProExt) foi criado em 2003 com a finalidade de apoiar as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuem para a implementação de políticas públicas. Além disso o próprio documento especifica como prioridade os programas e projetos voltados aos seguintes temas:

> 1. Alfabetização de jovens e adultos, locais e regionais;
>
> 2. Políticas de promoção sociais: atenção integral à família, erradicação do trabalho infantil, combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes,

> juventude e desenvolvimento social, atenção à pessoa idosa, atenção à pessoa portadora de deficiência, populações indígenas e quilombolas;
>
> 3. Articulação com a educação básica por meio de elaboração de cursos de educação continuada e produção de material pedagógico para professores em exercício nas redes públicas, priorizando a alfabetização e o letramento;
>
> 4. Formação e educação permanente de pessoal para o sistema educacional (MEC, 2003, p. 02).

Nas diretrizes do programa há a indicação de que os proponentes devem atentar para:

> . Cumprimento do preceito da indissociabilidade extensão-pesquisa-ensino, caracterizada pela integração da ação desenvolvida à formação técnica e cidadã do estudante e pela produção e difusão de novo conhecimento e novas metodologias;
>
> . Existência de projeto didático-pedagógico que facilite a flexibilização e a integralização curricular, com atribuição de créditos acadêmicos, sob orientação docente/tutoria e avaliação;
>
> . Interdisciplinaridade, caracterizada pela interação de modelos e conceitos complementares, de material analítico e de metodologia, com ações interprofissionais e interinstitucionais, buscando uma consistência teórica e operacional que permita a estruturação das diversas ações de extensão propostas em um programa abrangente (MEC, 2003, p. 03).

E que a relação com a sociedade deve acontecer segundo os seguintes pontos:

> . Impacto social, pela ação transformadora sobre os problemas sociais, contribuição à inclusão de grupos sociais, ao desenvolvimento de meios e processos de produção, inovação e transferência de conhecimento e à ampliação de oportunidades educacionais e do acesso a processo formais de formação e qualificação.
>
> . Relação bilateral com os outros setores da sociedade, com interação do conhecimento acumulado na academia com o saber popular e experiência acumulada nas instituições e organizações de outros setores da sociedade; desenvolvimento de sistemas de parcerias interinstitucionais.
>
> . Contribuição na formulação, implementação, acompanhamento das políticas públicas prioritárias ao desenvolvimento regional e nacional (MEC, 2003, p. 04).

A questão da Curricularização

Esse processo mais vigoroso no que tange a institucionalização e curricularização da extensão vai se fortalecer ainda mais com a publicação da Resolução nº 07/2018, do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior datada de 18 de dezembro de 2018, que estabeleceu e regulamentou as diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. O entendimento sobre a própria extensão fica manifesto no artigo 3º quando se afirma que ela é

> […] a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da

> aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (MEC, 2018, p. 01).

Há que se promover uma série de adaptações teórico metodológicas que expressem às comunidades a importância da extensão e estruturem a melhoria de sua efetivação.

Na Universidade Federal de Catalão isso também acontece e mais recentemente uma proposta de Minuta de Curricularização da Extensão (esta resolução ainda está em discussão para a sua aprovação na UFCAT) regulamenta a inserção das Atividades Curriculares de Extensão[6] (ACEx) nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) de Graduação. Necessariamente inicia defendendo a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, embasado pelo: 1) Art. 207 da CF de 1988; 2) a concepção de currículo da LDB de 1996; 3) as diretrizes da Resolução nº 07/2018 e; 4) o disposto na Meta 12.7 do PNE 2014-2024.

Ressoando todo o escopo legal em vigor a proposta de resolução apresenta logo em seu artigo 2º a compreensão da extensão universitária como "[...] interação dialógica da Universidade com os demais setores da sociedade brasileira e internacional, com vistas à troca de saberes e a construção de conhecimentos, numa perspectiva interdisciplinar, educativa, cultural, científica, tecnológica e política [...]" (UFCAT, 2020, p. 01).

E estabelece as modalidades para as ações de extensão na instituição que são: I - projeto; II - programa; III - curso; IV - evento; V - prestação de serviço.

Há o direcionamento claro e objetivo do público-alvo da extensão que deve ser o público externo a universidade.

Outras determinações da resolução são (grifos meus):

> § 3º **A carga horária mínima de ACEx** estabelecida nos PPCs **não poderá ser cumprida exclusivamente** por meio de atividades de extensão das **modalidades curso e evento**.
>
> § 4º É **vedada** a validação de **carga horária em ACEx** para o discente que participe de **cursos e eventos** na qualidade de **ouvinte ou espectador.**
>
> § 5º **As ACEx coordenadas por técnicos** da carreira de nível superior da UFCAT **deverão ter** na sua equipe, **docente(s) responsável(is)** pela supervisão/orientação dos discentes.
>
> § 6º Para **creditar** cada **ACEx o discente deverá cumprir no mínimo 75%** da carga horária estabelecida da atividade
>
> § 7º Caberá ao **coordenador da ACEx proposta a avaliação e o acompanhamento do discente** quanto à frequência e ao desempenho para fins de creditação.

[6] Art. 3º Atividades Curriculares de Extensão (ACEx) são ações de Extensão Universitária que se qualificarem como um processo formativo, com o estudante com o papel de protagonista e atuante na produção e na construção e na popularização de conhecimentos. Em seu parágrafo único. A(s)ACEx terão como público-alvo a comunidade externa da UFCAT (UFCAT, 2020, p. 01).

> § 8º O **não cumprimento** do percentual mínimo **de 10%** (dez por cento) **em ACEx pelo discente será** um ponto **impeditivo para a** conclusão do curso de graduação (UFCAT, 2020, p. 02).

E para finalizar, destaco e grifo os seguintes parágrafos, no art. 5, que diz que,

> § 1º A **ACEx poderá ser realizada pelo discente em diferentes cursos da graduação da UFCAT,** a partir de seu ingresso, independente do curso de origem, **desde que prevista no PPC.**
>
> § 2º **O PPC deverá explicitar** como as ACEx articulam com **o perfil do egresso** apresentando também as áreas priorizadas.
>
> § 4º **A coordenação de curso será responsável** pela **validação das ACEx realizadas pelo discente, cuja** carga horária das **ações validadas deverão constar no histórico acadêmico** do discente, **denominada "Atividade Curricular de Extensão (ACEx)".**
>
> § 5º **As atividades de Estágio Curricular Não-Obrigatório não poderão ser aproveitadas como ACEx** (UFCAT, 2020, p. 02).

Veja que por um lado, tem-se o direito à liberdade de escolha da extensão ao qual o aluno quer participar (inclusive fora do seu curso ingressante) mas por outro lado tem-se a obrigatoriedade em cumprir a carga horária mínima para garantir a validação de sua formação.

A extensão, agora, além do desafio de se legitimar para além da "terceira função" enfrentará as dificuldades para a concretização dessa curricularização de modo que há o risco de a mesma tornar-se apenas mais uma de tantas obrigações curriculares.

O documento ainda explicita que essas ACEx dos currículos dos cursos de graduação devem ser cadastradas previamente como Ação de Extensão via SIGAA.

Destaco ainda,

> Art. 6º **A ACEx realizada pelo discente em outro curso de graduação da UFCAT** ou em outra Instituição de Ensino Superior **poderá ser aproveitada para o seu curso atual,** desde que em conformidade com os critérios estabelecidos pelo Conselho Diretor e sujeito ao limite estabelecido no §3º do artigo 4º.
> Parágrafo único. O limite de aproveitamento de ACEx deverá ser definido no PPC de cada curso.
>
> Art. 7º **As ACEx em cursos superiores na modalidade à distância devem ser realizadas presencialmente ou por meio de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs),** observando-se, no que couber, as demais regulamentações previstas no ordenamento próprio para oferta de educação à distância (UFCAT, 2020, p. 03).

Ou seja, a extensão pode ser aproveitada por outros cursos de graduação ou de outras instituições de Ensino Superior e há uma exigência de ser presencial as ACEx inclusive em cursos na modalidade a distância.

Logo, todos esses documentos trazidos à escopo, foi para enfatizar a urgência da curricularização da extensão ou como o FORPROEX (2012) diz, a universalização da extensão, já que sua institucionalização é iniciada desde 1996.

Retomando meu memorial que é base do primeiro capítulo e, portanto, retomando minha experiência avalio que é preciso ainda, mesmo com toda a legislação atual, superar o entendimento da própria palavra extensão.

Com isso em mente faço uso das palavras de Paulo Freire (1983) refutando a ideia de uma extensão "extensionista" compreendida como "ato ou efeito de estender(-se)", o que conota a ideia de que a Universidade estende à sociedade todo o seu conhecimento acumulado, configurando assim a extensão como uma educação bancária no qual deposita sobre os participantes das ações extensionistas os seus saberes acadêmicos.

E utilizo da fala do FORPROEX para apresentar uma crítica a este modelo de extensão bancário que conserva consigo

> [...] o ranço conservador e elitista, presente nas estruturas de algumas Universidades ou departamentos acadêmicos e a falta de recursos financeiros e organizacionais, entre outros problemas, têm colocado limites importantes para a implantação e implementação desses institutos legais no âmbito das Universidades Públicas (FORPROEX, 2012, p. 14).

A crítica é necessária e por isso continuo fazendo uso da fala do FORPROEX para enfatizar, tal qual ele, que

> Muitas vezes, verifica-se a normatização da creditação curricular em ações de Extensão, mas restrições em sua implementação. O mesmo descompasso é verificado quanto à inserção de ações extensionistas nos planos de ascensão funcional e nos critérios de pontuação em concursos e à consideração dessas atividades na alocação de vagas docentes. Nesses aspectos, também em algumas Universidades ou departamentos, o preceito constitucional e a legislação referida à Extensão Universitária não têm tido qualquer efeito sobre a vida acadêmica (FORPROEX, 2012, p. 14).

Na relação entre o Ensino-Extensão, a extensão deve colocar o estudante como protagonista de sua formação técnica, ou seja, como autor/ator de sua própria vida e formação técnica e cidadã. E agora sim, a extensão deve valer-se do entendimento de sua palavra "estender-se" a todas as pessoas, da comunidade interna e, principalmente, à comunidade externa. Na relação entre a Pesquisa-Extensão, a extensão se configura como um espaço de possibilidades de articulação entre a Universidade-Sociedade, com metodologias participativas, no formato investigação-ação (ou pesquisa-ação) (FORPROEX, 2012; FRAGA, 2020).

Essa pesquisa-ação participativa, estudada por Michel Jean-Marie Thiollent desde 1947, que se caracteriza por ser uma pesquisa social com bases empíricas, concebidas e realizadas associadamente com a ação ou a resolução de um problema coletivo onde os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo para a solução do mesmo, tem sido atribuída como uma forma para designar a configuração da extensão (THIOLLENT, 2009).

Ou seja, as ações de extensão podem e devem ser uma forma de unir a universidade e a comunidade para a construção de uma sociedade que busca uma Educação Superior mais justa e igualitária, evitando repetir os padrões conservadores e elitistas tradicionais que rondam e permeiam as raízes da história da extensão assim como a universidade e abre brechas para a endogenia, a mercantilização das atividades acadêmicas e, a alienação cultural que impede o papel social da Universidade Pública (FORPROEX, 2012).

Volto nossas lentes para a UFG-RC/UFCAT. As lentes são amplas e buscam enquadrar de modo macro sua extensão.

2.2 Panorama da Extensão Universitária na UFG-RC/UFCAT (2017-2020)

A extensão está na origem da criação do Campus Avançado Catalão (CAC) posteriormente denominado Regional Catalão e hoje Universidade Federal de Catalão[7]. Através dela é que houve a garantida da criação do Campus Avançado de Catalão no ano de 1983, pela Portaria nº 189, sendo que antes dessa inauguração ela alocava o Centro de Formação de Professores Primários (C.F.P.P.) entre os anos de 1966 e 1983 (SILVA, 2009).

De Campus para Regional em 2007, teve seu regimento interno aprovado pelo Conselho Universitário, e oportunizou maiores possibilidades de organização institucional e o aumento de cursos acadêmicos ofertados.

De lá para cá ela vem realizando ao longo do tempo inúmeras ações de extensão que classificadas de acordo com a Resolução Consuni nº 03/2008 (MEC, 2008) (que regulamenta as Ações de Extensão e Cultura na UFG e o PROBEC) propõe a seguinte classificação:

> **. PROGRAMA:** Conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão (cursos, eventos, prestação de serviços), preferencialmente integrando a atividades de extensão, pesquisa e ensino. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo.

[7] Em dezembro de 2019, a Regional Catalão que atuava como um campus da UFG, se tornou Universidade Federal de Catalão, pela Lei Federal nº 13.634, de 20 de março de 2018.

> **. PROJETO:** Ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado.
>
> **. CURSO:** Ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, presencial ou a distância, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 horas e critérios de avaliação definidos.
>
> **. EVENTO:** Ação que implica na apresentação e/ou exibição pública, livre ou com clientela específica, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade.
>
> **. PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:** Realização de trabalho oferecido pela IES ou contratado por terceiros (comunidade, empresa, Órgão público etc.); a prestação de serviços se caracteriza por intangibilidade, inseparabilidade processo ou produto e não resulta na posse de um bem (MEC, 2008, p. 07).

Os projetos e programas de extensão são ações mais longas que demandam fundamentação teórico metodológica que permita relações com maior organicidade, interação entre instituição e as pessoas envolvidas. É possível esperar, portanto, que tais ações fomentem uma educação social, cultural, tecnológica e científica com objetivos específicos e resultados a médio-longo prazo.

Nesse formato busca-se um diálogo constante entre teoria e prática que reverbera a perspectiva da pesquisa ação como base metodológica daí fazer sentido a associação da extensão universitária com o pensamento de Thiollent (2009).

Importa agora apresentar os dados obtidos pela pesquisa documental e descritiva que congrega os projetos cadastrados entre os anos de 2017 e 2020. Reitero que eles derivam de uma pesquisa documental que exige bastante do pesquisador, pois o documento apesar de dialogar com o sujeito na maioria das vezes constitui instrumento do qual não dominamos, “o pesquisador que trabalha com documentos deve superar vários obstáculos e desconfiar de inúmeras armadilhas, antes de estar em condições de fazer uma análise em sua profundidade e material [...]” (CELLARD, 2012, p. 296).

Explicito aqui que os documentos não trazem os dados que desejamos prontos e que no tratamento deles é preciso manter em primeiro plano a credibilidade, a sua representatividade e daí sim buscar as pistas sobre para quem e de quem ele fala, o porquê de tal documento, o que ele abrange (geral ou especifico), quem o escreveu e demais características que tornam imprescindível para análise de dados.

Na pesquisa que realizei, os documentos foram enviados inicialmente em planilhas do Excel e prontamente notei que as planilhas não apresentavam dados condizentes com aquilo que de modo informal eu já sabia sobre os números de projetos realizados. Por exemplo, no ano de 2015 por essas planilhas retiradas do SIEC não havia mais do que cinco projetos, um

número muito aquém do esperado e que parecia irreal. Veio a dúvida (companheira de todo pesquisador). Veio uma inquietação sobre a fidedignidade dos dados. Não estava convencida dos números que os dados me mostravam.

Começava ali uma verdadeira saga para garantia de uma pesquisa documental e descritiva íntegra e o mais próxima possível da realidade.

Após vários contatos, e-mails, ligações entre a UFG (Goiânia), a Coordenação de Extensão e Cultura da UFCAT descobrimos onde estava a falha, uma transição de dados do SIEC para o SIGAA, o que explica as muitas perdas de dados cadastrais das ações de extensão. Isso justificou a alteração do recorte temporal da pesquisa que a princípio seria de 2015 a 2019 – ano em que se inicia o I Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (CONPEEX) e ano corrente da minha entrada para o mestrado – para 2017 a 2020 – ano em que os projetos começam a ser cadastrados no SIGAA até o dia 01 de julho de 2020 (ano da qualificação da dissertação que aconteceu no dia 14 de setembro de 2020).

Cheguei então ao corpus de dados a partir do cruzamento de três documentos:

1. As planilhas do Excel com as ações via SIEC;
2. A relação de bolsas concedidas PROBEC/PROVEC (2016 a 2020) e;
3. As fichas de inscrição dos projetos cadastrados no SIGAA, módulo extensão acessados diretamente no sistema.

A partir da composição desse corpus, explorei ao máximo estes dados quantitativamente para estruturar o panorama que apresento a seguir.

Áreas Temáticas e Áreas de Atuação

A primeira coisa que fiz foi identificar a distribuição dos projetos segundo as suas áreas temáticas.

Os painéis de indicadores da extensão presente na página oficial Analisa da UFG indicam ao todo 210 (duzentos e dez) ações. Dessas ações: 143 (cento e quarenta e três) foram projetos, 47 (quarenta e sete) eventos, 13 (treze) cursos, 06 (seis) prestação de serviços e 01 (um) programa.

As áreas temáticas escolhidas para essas ações de extensão (segundo a análise de dados das ações apresentadas na página oficial Analisa da UFG) foram:

Tabela 2 - Dados referentes à distribuição de projetos cadastrados por áreas temáticas

Distribuição dos projetos de extensão segundo suas com áreas temáticas

Educação	93 projetos cadastrados
Saúde	39
Tecnologia	24
Cultura	17
Meio Ambiente	13
Comunicação	11
Trabalho	07
Direitos Humanos	06

Fonte: Elaborado pela autora.

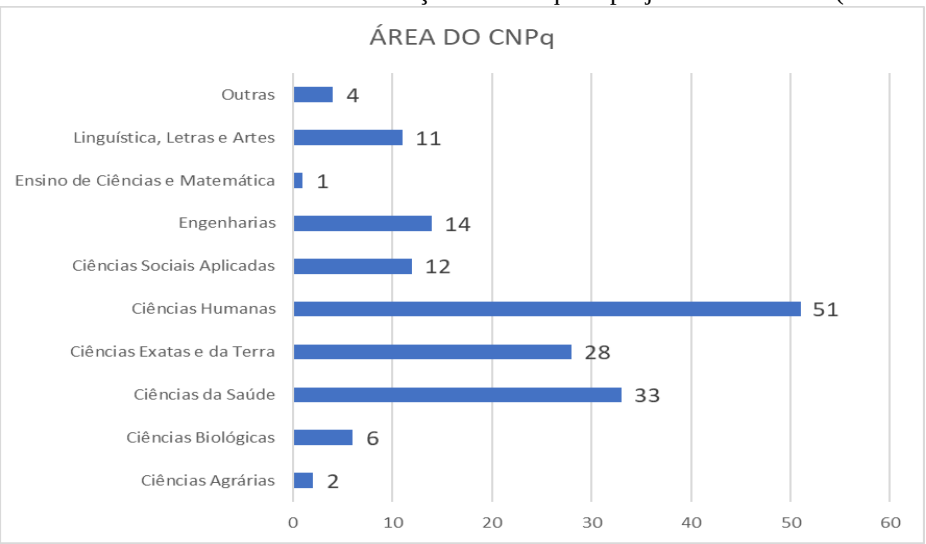
Esses dados dos indicadores divergiram um pouco em comparação com o corpus dos meus dados.

Ao todo analisei um total de **163 (cento e sessenta e três)** projetos de extensão cadastrados entre os anos de 2017 e 2020, sendo que no ano de 2017 foram **57 (cinquenta e sete)** projetos, em 2018 foram **58 (cinquenta e oito)** projetos, já no ano 2019 foram **38 (trinta e oito)** projetos, e em 2020 tivemos apenas **10 (dez)** projetos, um ano atípico devido a pandemia da covid-19.

Alguns projetos se repetiram nos anos analisados por mais de um ano, outros se repetiram em todos os anos, o que mostra uma continuidade dos projetos e uma extensão mais elaborada e fundada em evoluir-se como ACEx, podendo inclusive virem a ser programas de extensão.

Em relação à área de atuação vemos que as Ciências Humanas despontam na liderança no ranking por área do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) seguida pelas Ciências da Saúde e Ciências Exatas e da Terra. (Ver gráfico 1).

Gráfico 1 - Dados referentes à área de atuação do CNPq dos projetos de extensão (2017-2020)



Fonte: Elaborado pela autora.

Distribuição dos Projetos por Unidades proponentes ou Órgãos da UFCAT

Quanto a distribuição dos projetos por unidades proponentes ou órgãos é preciso antes de apresentar os dados mencionar que os cadastros dos projetos trazem vinculações diversas em seu texto. Há projetos vinculados a unidades acadêmicas, a cursos e a outros órgãos ou setores como a Biblioteca e a Coordenação de Extensão e Cultura.

As unidades acadêmicas são a forma organizacional da universidade assim como departamentos ou faculdades. Na UFCAT são estruturadas a partir da junção de cursos de graduação e pós-graduação.

São 10 (dez) as unidades acadêmicas a saber:

- Unidade Acadêmica de História e Ciências Sociais que oferece os cursos de: Ciências Sociais (Licenciatura); Ciências Sociais (Bacharelado); História (Licenciatura); História (Bacharelado) e o Mestrado Profissional em História.
- Unidade Acadêmica de Matemática e Tecnologia – Matemática que oferece os cursos de: Matemática Industrial; Matemática EaD; Mestrado Profissional em Matemática; Mestrado em Modelagem e Otimização.
- Unidade Acadêmica de Letras e Linguística que oferece os cursos de: Letras - Português; Letras - Português/Inglês e o Mestrado em Estudo da Linguagem.
- Unidade Acadêmica de Educação que oferece os cursos de: Pedagogia (licenciatura); Educação do Campo (licenciatura) e o Mestrado em Educação.
- Unidade Acadêmica de Engenharia que oferece os cursos de: Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Produção; Engenharia Mecânica; Mestrado em Engenharia de Produção e o Mestrado em Engenharia Civil.
- Unidade Acadêmica de Gestão e Negócios que oferece os cursos de: Administração; Administração Pública – EaD e o Mestrado em Gestão Organizacional.
- Unidade Acadêmica de Geografia que oferece os cursos de: Geografia (Bacharelado); Geografia (Licenciatura) e o Mestrado em Geografia.
- Unidade Acadêmica de Biotecnologia ou Instituto de Biotecnologia (IBIOTEC) que oferece os cursos de: Ciências Biológicas Bacharelado; Ciências Biológicas Licenciatura; Ciência da Computação; Educação Física; Enfermagem; Medicina - Bacharelado; Psicologia - Bacharelado; Psicologia (Bacharelado e Licenciatura).

- Unidade Acadêmica de Física que oferece os cursos de: Física (Licenciatura); Física (Bacharelado) e o Mestrado em Ensino de Física.
- Unidade Acadêmica de Química que oferece os cursos de: Química (Bacharelado e Licenciatura); Química Industrial; Mestrado em Química e o Doutorado em Química.

Buscando compilar melhor essa informação cheguei às tabelas abaixo:

Tabela 3 - Dados referentes as unidades proponentes dos projetos de extensão cadastrados (2017)

UNIDADE PROPONENTE	N.º PROJETOS
Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística	**01**
Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia (IBIOTEC)	**24**
Unidade Acadêmica Especial de Química	**04**
Unidade Acadêmica Especial de Matemática e tecnologia	**03**
Unidade Acadêmica Especial de Engenharia	**12**
Unidade Acadêmica Especial de Educação	**09**
Unidade Acadêmica Especial de Gestão de Negócios.	**02**
Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais	**02**
TOTAL	**57**

Fonte: Elaborado pela autora.

Observem que as 3 (três) unidades com maior participação foram a Unidade Acadêmica Especial de IBIOTEC com 24 projetos; a Unidade Acadêmica Especial de Engenharia com 12 projetos e Unidade Acadêmica Especial de Educação com 09 projetos.

Já em 2018 foram cadastrados 58 (cinquenta e oito) projetos. A seguir, na tabela 4 a sua distribuição:

Tabela 4 - Dados referentes as unidades proponentes dos projetos de extensão cadastrados (2018)

UNIDADE PROPONENTE	N.º PROJETOS
Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística	**06**
Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia (IBIOTEC)	**25**
Unidade Acadêmica Especial de Química	**02**
Unidade Acadêmica Especial de Matemática e tecnologia	**04**
Unidade Acadêmica Especial de Engenharia	**03**
Unidade Acadêmica Especial de Educação	**05**
Unidade Acadêmica Especial de Gestão de Negócios	**03**
Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais	**01**
Coordenação de Pesquisa e Pós Graduação	**01**
Unidade Acadêmica Especial de Física	**02**
Coordenação de Extensão e Cultura	**04**
Coordenação de Assuntos da Comunidade Universitária	**01**
Unidade Acadêmica Especial de Geografia	**01**
TOTAL	**58**

Fonte: Elaborado pela autora.

Vejam que as 3 (três) unidades que mais cadastraram foram: a Unidade Acadêmica Especial de IBIOTEC com 25 projetos; a Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística com 06 projetos e Unidade Acadêmica Especial de Educação com 05 projetos.

Em 2019 foram cadastrados 38 projetos com a seguinte distribuição:

Tabela 5 - Dados referentes as unidades proponentes dos projetos de extensão cadastrados (2019)

PROPONENTE	N.º PROJETOS
Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia (IBIOTEC)	**18**
Unidade Acadêmica Especial de Matemática e tecnologia	**02**
Unidade Acadêmica Especial de Engenharia	**03**
Unidade Acadêmica Especial de Educação	**01**
Unidade Acadêmica Especial de Gestão de Negócios	**07**
Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais	**02**
Coordenação de Pesquisa e Pós Graduação	**01**
Coordenação de Graduação	**01**
Unidade Acadêmica Especial de Física	**01**
Unidade Acadêmica Especial de Geografia	**02**
TOTAL	**38**

Fonte: Elaborado pela autora.

Vemos que as três unidades que mais cadastraram projetos foram: a Unidade Acadêmica Especial de IBIOTEC com 18 projetos; a Unidade Acadêmica Especial de Gestão de Negócios com 07 projetos e a Unidade Acadêmica Especial de Engenharia com 03 projetos.

E em 2020 os 10 projetos cadastrados até o dia 01 de julho estavam distribuídos conforme a tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Dados referentes as unidades proponentes dos projetos de extensão cadastrados (2020)

UNIDADE PROPONENTE	N.º PROJETOS
Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia (IBIOTEC)	**05**
Unidade Acadêmica Especial de Química	**01**
Unidade Acadêmica Especial de Matemática e tecnologia	**02**
Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais	**01**
Unidade Acadêmica Especial de Física	**01**
TOTAL	**10**

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste ano as duas unidades que mais cadastraram projetos foram: a Unidade Acadêmica Especial do IBIOTEC com 05 projetos; a Unidade Acadêmica Especial de Matemática e tecnologia com 02 projetos.

Analisando os dados de todo o período da pesquisa o que fica claro é que as unidades que mais tiveram projetos cadastrados pela ordem de classificação foram:

- Unidade Acadêmica Especial de IBIOTEC com 72 projetos;
- Unidade Acadêmica Especial de Engenharia com 18 projetos;
- Unidade Acadêmica Especial de Educação com 15 projetos;
- Unidade Acadêmica Especial de Gestão de Negócios com 12 projetos e;
- Unidade Acadêmica Especial de Matemática e tecnologia com 11 projetos.

Essa distribuição talvez não seja a melhor forma de analisar a participação de cada curso ou coordenação já que é grande a diferença no número de cursos, professores e alunos entre elas. O IBIOTEC por exemplo congrega cinco cursos: Psicologia, Enfermagem, Ciências Biológicas, Educação Física e, Ciências da Computação.

Ainda assim é um modo de organizar os dados que tem a sua contribuição. O fato é que houve uma tentativa de desmembramento dessas unidades proponentes na busca de descobrir os cursos de origem dos projetos de extensão.

Coordenação dos Projetos e Equipes Executoras

Observando novamente os painéis de indicadores da extensão (Analisa), os dados com a informação sobre a coordenação dos projetos cadastrados observo que 63,06% deles está sob a responsabilidade de docentes, mas é interessante ver que os técnicos administrativos são responsáveis por 36,94%. É um dado que revela o potencial dos técnicos administrativos e que deve passar despercebido pela comunidade universitária.

A pluralidade de participantes vai se expressar também e de modo ainda mais consistente quando identifico que nas equipes executoras dos projetos sempre há docentes, discentes, membros externos e técnico administrativos. É importante destacar a presença significativa de membros externos o que é revelador de um movimento de expansão das ações da universidade no rumo da comunidade externa. De modo mais detalhado a participação dos grupos é retratada na tabela 7 abaixo:

Tabela 7 - Dados referentes aos membros das equipes executoras das ações de extensão

Distribuição dos membros das equipes executoras nos projetos cadastrados	
Docentes	32,21%
Discentes	31,9%
Membros externos	17,02%
Técnico administrativos	18,87%.

Fonte: Elaborado pela autora.

Outro dado analisado com esses painéis de indicadores foi o que permite saber sobre os produtos gerados pelas ações de extensão. Nesse quesito 21,43% dos projetos sinalizaram a geração de artigos produzidos, 46,43% geraram apresentações em eventos e 32,14% geraram outros tipos de produção cientifica. É uma informação das mais importantes e merece estudos mais aprofundados pois pode mostrar como está a aproximação entre a extensão e a pesquisa.

Distribuição Quantitativa dos Projetos no período e tempo de duração

Sobre a quantidade de projetos cadastrados no período analisado os anos de 2017 e 2018 registram os maiores números de projetos cadastrados. Há uma queda de aproximadamente 35% nos números de 2019 quando comparados ao ano de 2018 (o ano que tem o maior número de projetos cadastrados) e uma queda radical de aproximadamente 82% nos projetos cadastrados em 2020 e é preciso ter em mente o impacto negativo com: a pandemia da covid-19; o fim do ProExt e; a redução do número de bolsas PROBEC ofertadas.

O gráfico 2 abaixo nos permite visualizar melhor essa distribuição de projetos ao longo do período compreendido pelo recorte da pesquisa:

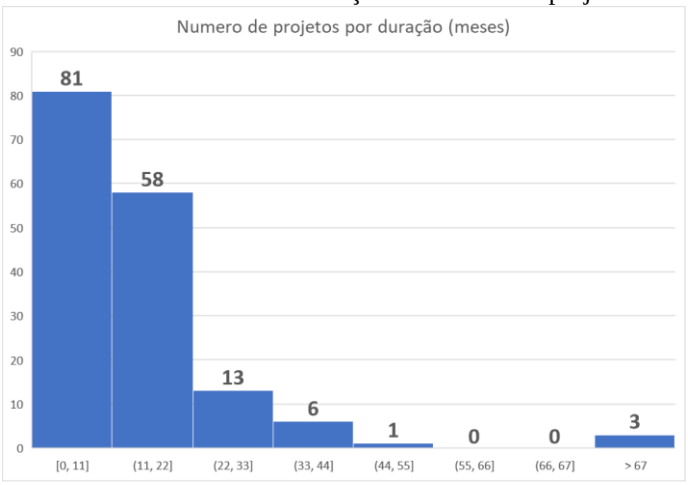
Gráfico 2 - Dados referentes a quantidade dos projetos de extensão (2017-2020)

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação a duração dos projetos (em meses) a maioria dos projetos dura até 11 (onze) meses sendo seguidos pela parcela dos projetos com duração maior que gira entre 11 (onze) e 22 (vinte e dois) meses. Um número menor de projetos apresentou duração menor que 1 (um) mês e que caberiam mais na categoria de eventos ou cursos do que como projetos.

O gráfico 3 expõe esses dados e sua distribuição no período.

Gráfico 3 - Dados referentes a duração em meses dos projetos de extensão (2017-2020)



Fonte: Elaborado pela autora.

É positivo saber que há uma duração maior para a maioria dos projetos porque a extensão é uma atividade que exige relações mais horizontais, interdisciplinaridade, dialogicidade que são elementos que não surgem rapidamente. A extensão tal qual preconizada exige o protagonismo de todos os envolvidos. É preciso tempo.

Financiamento

Em relação ao financiamento, a amostra revelou que 54,66% dos projetos receberam financiamento, um número que está longe de ser adequado, uma vez que toda ação de extensão tem seus custos e demanda além de material humano, bens e gastos pecuniários.

Sobre isso há que se destacar a suma importância do ProExt; do PROBEC e; do PROVEC instituídos na própria universidade. Nos textos dos editais do PROBEC/PROVEC conforme a Resolução Consuni nº 03/2008 (MEC, 2008), o objetivo é apoiar o desenvolvimento de ações de extensão e cultura das Unidades e Órgãos da UFG.

Participantes do público-alvo

Quanto ao número de participantes do público-alvo percebo uma discrepância entre o estimado e o atendido como é possível notar na tabela 8. Abaixo:

Tabela 8 - Dados referentes ao público estimado e ao público atendido dos projetos de extensão (2017 a 2020)

Curso ou Unid. ou Coord.	Público Estimado	Público Atendido
Administração	400	20

Ciências Biológicas	8417	4114
Ciências da Computação	280	548
Ciências Sociais	1000	Não informado
Coord. Assunt. Comunid. Univ	4182	580
Coord. de Pesq. E Pós-Grad.	2600	200
Coord. de Extensão e Cultura	6610	3050
Coord. de Graduação	4500	700
Educação Física	2680	791
Enfermagem	5039	1783
Projeto interdisciplinar (Enfermagem, Psicologia, Educação Física)	128	50
Engenharia Civil	2325	851
Engenharia de Minas	1830	345
Engenharia de Produção	460	150
Física	2223	1010
Geografia	3537	321
Letras-Português	1	5
Matemática	3933	1523
Medicina	2045	2020
Pedagogia	110	42
Projeto interdisciplinar II (Pedagogia, Psicologia, Educação do Campo, Enfermagem)	50	50
Psicologia	14215	3787
Química	2600	450
Unidade Acad. de Engenharia	150	156
Unidade Acad. de Educação	5185	2403
Unidade Acad. de Biotecnologia	1392	655
Unidade Acad. de Hist. e Ciências Sociais	6175	5030
Unidade Acad. de Letras e Linguística	3160	640
Unidade Acad. de Gestão e Negócios	4449	3678

Fonte: Elaborado pela autora.

A diferença entre público estimado e público atendido chama a atenção já que é bem grande na maioria das ações. Em alguns casos ela é maior que o dobro e são raras as ações em que o público atendido supera o estimado. Em outro caso a estimativa é de alcançar apenas 1 (uma) pessoa.

Fiz o exercício de porcentagem de algumas ações.

Para isso fiz um desmembramento dessas unidades proponentes ou órgãos para descobrir os cursos de origem dos projetos de extensão.

Logo, foi feita uma análise através do currículo lattes dos coordenadores dessas ações. Muitos projetos não foram possíveis identificar o curso proponente porque ou o coordenador estava lotado a uma unidade acadêmica e não a um curso especifico ou o projeto de extensão estava vinculado a um órgão, por exemplo, a coordenações ou a um servidor técnico administrativo.

Assim os projetos que não consegui rastrear o curso de origem, optei por mantê-los em suas unidades proponentes ou coordenação pertencente.

Sobre essa origem dos projetos: 11,11% são da Enfermagem; 9,88% da Psicologia; 9,26% da Educação Física; 7,41% da Unidade Acadêmica da Educação; 6,79 % da Matemática; 6,79% da Unidade Acadêmica de Gestão e Negócios e; 5,56% da Engenharia Civil. Logo, há uma predominância das áreas da saúde em se fazer a extensão, seguida pelas áreas humanas.

Entre o maior índice de número de pessoas atendidas pelos cursos, unidades proponentes ou órgãos de origem, destaco a Unidade Acad. de Hist. e Ciências Sociais (5.030) com um percentual de 14,39% seguida por Ciências Biológicas (4.114) com 11,77%; Psicologia (3.787) com 10,83%; Unidade Acad. de Gestão e Negócios (3.678) com 10,52% e; Coord. de Extensão e Cultura (3.050) com 8,73% (Ver gráfico 4).

Gráfico 4 – Dados referentes ao percentual de público atendido pelos cursos, unidades proponentes e órgãos dos projetos de extensão (2017 a 2020)

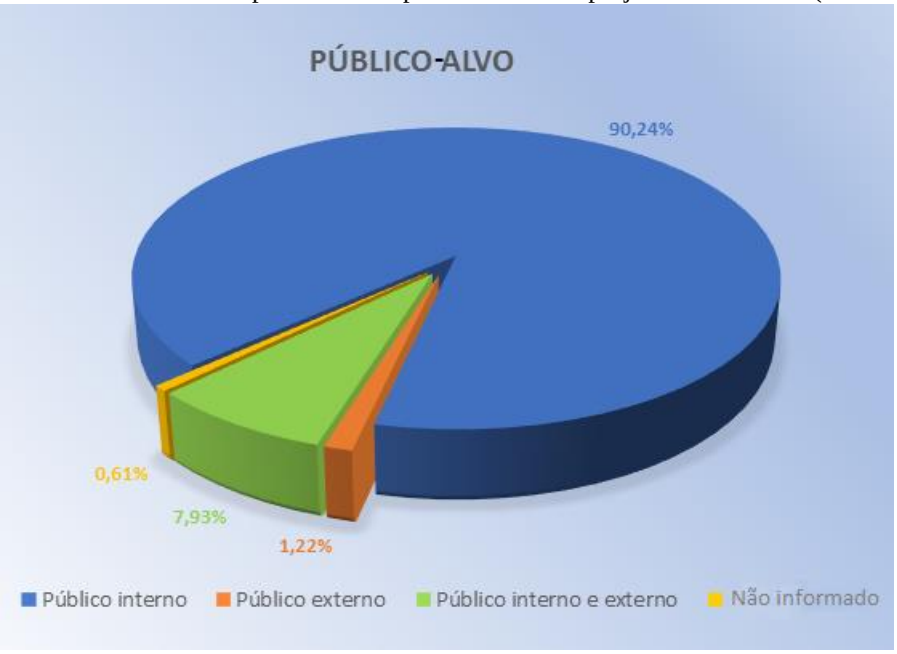
Fonte: Elaborado pela autora.

O que leva a essa discrepância entre os números de público-alvo estimado e atendido? Seria uma superestimação do público-alvo? É válido ter uma estimativa tão pequena ou elevada de público-alvo para um projeto?

Ao comparar também sobre qual público-alvo esses projetos representam, 90,24% é voltado para a comunidade interna e apenas 1,22% para a comunidade externa.

Um dado que me permite anunciar uma profunda preocupação, pois a extensão deveria ser extramuros, porém dos 163 projetos cadastrados a maioria esmagadora se dedicou aos próprios discentes. A seguir:

Gráfico 5 – Dados referentes ao percentual do público-alvo dos projetos de extensão (2017-2020)



Fonte: Elaborado pela autora.

Discentes envolvidos no projeto

Outro dado que obtive e que é imprescindível para a discussão que trago, é sobre o número de discentes envolvidos nos projetos (Ver tabela 9).

Tabela 9 - Dados referentes ao número de discentes envolvidos nos projetos de extensão (2017 a 2020)

Curso ou Unid. ou Coord.	N.º Discentes envolvidos
Administração	05
Ciências Biológicas	30
Ciências da Computação	04
Ciências Sociais	03
Coord. Assunt. Comunid. Univ	03
Coord. de Pesq. E Pós-Grad.	03
Coord. de Extensão e Cultura	8
Coord. de Graduação	7
Educação Física	76
Enfermagem	127
Projeto interdisciplinar (Enfermagem, Psicologia, Educação Física)	19
Engenharia Civil	30
Engenharia de Minas	15
Engenharia de Produção	11
Física	29
Geografia	9
Letras-Português	1
Matemática	124
Medicina	11

Pedagogia	5
Projeto interdisciplinar II (Pedagogia, Psicologia, Educação do Campo, Enfermagem)	29
Psicologia	162
Química	56
Unidade Acad. de Engenharia	8
Unidade Acad. de Educação	116
Unidade Acad. de Biotecnologia	69
Unidade Acad. de Hist. e Ciências Sociais	36
Unidade Acad. de Letras e Linguística	17
Unidade Acad. de Gestão e Negócios	60

Fonte: Elaborado pela autora.

Vejo que algo que poderá influenciar no aumento da participação dos discentes é a curricularização da extensão. O que está diretamente ligado ao financiamento dessa extensão e a participação dos alunos nela.

Quanto mais bolsas concedidas e a carga horária a ser cumprida nas ACEx é possível que os projetos de extensão aumentem não só no volume, mas também se aprofunde nas suas concepções.

A concessão de bolsas concedidas nos dados dessa pesquisa teve a seguinte distribuição conforme a tabela 10 abaixo:

Tabela 10 - Dados referentes ao número de bolsas PROBEC/PROVEC concedidas (2016-2020)

ANO	**PROBEC**	**PROVEC**
2016-2017	22 bolsas	55 bolsas
2017-2018	13	82
2018-2019	17	74
2019-2020	21	72
N.º TOTAL	**73**	**283**

Fonte: Elaborado pela autora.

2.4 Considerações Parciais

Neste capítulo foram apresentadas as bases legais da extensão universitária e um panorama dos projetos de extensão na UFG-RC/UFCAT cadastrados entre os anos de 2017 e 2020.

A base legal, ou seja, o conjunto de documentos orientadores externalizam que ao longo dos anos a extensão vem sofrendo mudanças quanto a sua concepção e avança no sentido de assumir o lugar que lhe é legitimado por essas bases legais e que com o ensino e a pesquisa formam o sustentáculo da instituição universidade.

Já o panorama revelou que a extensão (ao menos a partir de seus projetos) está presente em todas as unidades e cursos, mas que: a) é uma atividade mais presente nas áreas da saúde e humanas e, b) congrega a pluralidade dos sujeitos da comunidade universitária como docentes e técnico-administrativos, c) não consegue ainda se espraiar firmemente para fora dos muros da universidade o que justifica um público-alvo endógeno, c) é tímida em sua produção acadêmica, d) é frágil no que tange ao financiamento. A valorização dos temas de humanas e a maior presença da saúde e da educação são reveladoras de que a extensão reconhece seu papel frente ao cotidiano social, mas as ausências da tecnologia e das comunicações permite pensar sobre seu afastamento.

CAPÍTULO III

O olhar para além dos números: análise dos objetivos e metodologias

Introdução

Neste capítulo analiso os textos dos projetos de extensão cadastrados no período contemplado pelo recorte da pesquisa com a intenção de analisar o que se anuncia e o que pode ser compreendido como concepções sobre extensão universitária nos objetivos e nas metodologias.

O parâmetro para essa análise se fundamentou no que pressupõe o Plano Nacional de Extensão Universitária (2001b) nas cinco diretrizes da extensão (5I's) exploradas no capítulo anterior: Interação Dialógica entre universidade e sociedade; Interdisciplinaridade e interprofissionalidade; Indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão; Impacto na formação do estudante e; Impacto e transformação social me debrucei sobre o corpus.

Assim, a seleção de objetivos e a seleção de metodologias pinçada dos projetos foi submetida a inquisições da pesquisadora a partir do parâmetro definido.

Por exemplo a partir do quesito Interação Dialógica entre universidade e sociedade buscamos verificar: - Há participação efetiva da sociedade no projeto para além de participações passivas? Há atividades que envolvam o diálogo, a troca de saberes, a decisão democrática dos encaminhamentos?

A partir do quesito Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade questionou-se: - Há a participação de pessoas de vários campos disciplinares e profissionais?

A partir do quesito Indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão questionou-se: Há na metodologia a utilização de atividades típicas da pesquisa (levantamento, pesquisa de dados, entrevistas ou questionários) e do ensino (estudos dirigidos, aulas) que envolvam todos os participantes?

A partir do quesito Impacto na formação do estudante questionou-se: - Há nos projetos o indicativo das contribuições dele na formação dos estudantes universitários?

A partir do quesito Impacto e transformação social me debrucei sobre o corpus questionou-se: Há a previsão dos impactos do projeto no sentido da transformação social? Esse impacto depreende de saberes e ações as quais os participantes tenham domínio?

Quanto mais a resposta a estas questões forem positivas mais poderemos considerar que a UFCAT com auxílio da extensão esteja no rumo para se consolidar como uma universidade de forte atuação social, plural, presente. Ademais, saber sobre a extensão que ela

já faz para pensar a extensão que ela quer continuar fazendo ou para buscar aquela que ela pode fazer ainda melhor.

A busca das respostas nos documentos envolveu a localização de palavras-chave que espelhassem os sentidos do que se coloca como âncora: interdisciplinaridade, dialogicidade, impacto na formação social, a interação universidade e comunidade entre outros. Logo houve uma análise tutelada pela lógica da semântica.

A título de exemplo o que isso significa assinalar é que são diferentes, na esfera do conceitual e da concepção de extensão os projetos que usam verbos como **transmitir/oferecer** daqueles que sinalizam nos objetivos a intenção de **construir/estruturar conhecimento**. Fugindo ao ortodoxo da análise é verdade também que há forma contraditória (é uma atividade em construção).

Em alguns trechos analisados foi clara a imagem da extensão tal qual aquela executada pela Torre de Marfim, universidade elitista e encastelada. Neles o uso de verbos como "ajudar", "transmitir". Em outros, alguns trechos que remetem à imagem da Torre de Babel quando se lê "construir coletivamente", "compartilhar", "compreender".

No entrecruzamento destes trechos a síntese é o processo dialético próprio das instituições modernas, a luta entre visões de mundo, disputa por narrativas e formas de intervir na realidade. A universidade de poucos, a universidade que se quer de muitos.

O mesmo exercício analítico nas metodologias já que a opção por expressões como "ensinar" ou "comunicar" se distancia em sentido-interpretação daquelas que propõe como metodologia a "elaboração coletiva" ou a "troca de experiências" que demonstram alinhamento a uma perspectiva mais dialógica.

Logo, essa análise, reflete muito sobre o viés do olhar da pesquisadora e a sua interpretação de mundo.

Acreditava a princípio na configuração simples de 3 (três) categorias que abarcassem os projetos analisados:

1) Extensão com influências do Ensino - seria estender à comunidade (interna e externa) o saber através da transmissão do conhecimento;

2) Extensão com influências da Pesquisa - seria aliar o conhecimento levado à comunidade como instrumento de dados para a realização de pesquisas;

3) Extensão Inovadora - seriam projetos com ações voltadas para a troca mútua de conhecimentos (entre os saberes da comunidade e da universidade) pautada na dialogicidade e que aproximam a universidade com as questões sociais da sociedade.

Ledo engano.

Foi certamente uma das maiores aprendizagens como pesquisadora me desapegar um pouco dessa visão cartesiana, enquadratória. Naquele momento senti o famoso choque de realidade ao perceber que "nada sabia do que achava que sabia" e tive a grata surpresa de ver que o quão complexa seria a análise. Reconheço nisso o valor da formação no mestrado, construir conhecimento é trabalho árduo.

Explico melhor.

Ponderando cada projeto, especulando cada objetivo e metodologia vi que o mesmo projeto pode conter traços não só de uma categoria, como pode ser de duas categorias e às vezes até de três categorias. Assim, passei a considerar as palavras predominantes (número de ocorrências de palavras no texto) já que indicam as ideias predominantes.

Avancei na estruturação de grandes categorias, através da análise dos objetivos dos projetos, e cheguei a essa definição:

3.1 Extensão de caráter assistencialista

O caráter assistencialista se evidencia pela ideia de assistir e/ou doar algo a alguém/grupo específico ou a alguma instituição. De algum modo estão na gênese da extensão no qual a Torre de Marfim assumia essa preocupação como guia para as suas relações com a comunidade. Apesar de ser um objetivo nobre é algo colonizatório, distanciador já que a extensão universitária como se coloca hoje deve abrir espaços para o diálogo no sentido de se comunicar com a população e não apenas de suprir uma necessidade emergente.

Perpetuar essa concepção implica em manter como foco da universidade suprir as necessidades e mazelas da população porque o Estado ora terceiriza essa função ora ausenta-se dos deveres perante as demandas sociais e da garantia dos direitos sociais e culturais da população.

Não é difícil contemplar essa visão de extensão quando se analisa o conteúdo dos textos dos projetos cadastrados. Separei alguns trechos das frases dos objetivos (e grifei partes de sentido que embasaram a codificação), que demonstram essa face assistencialista.

> Desenvolver **atividades que possam trazer benefícios** a diversos grupos da comunidade, tais como: crianças, idosos, portadores de necessidades especiais, famílias isoladas **com necessidades financeiras, entre outros** (PROJETO 25, 2017).

> Objetiva-se assim **assegurar um canal de comunicação** junto aos seus ex-alunos **visando a satisfação** de interesses comuns (PROJETO 44, 2017).

> **Arrecadar doações de roupas e calçados** dentro da universidade e **transferi-las** para a Casa de Apoio... sediada em Catalão-GO (PROJETO 12, 2019).
>
> **Assistir**... **nas suas necessidades físicas,** oferecendo auxílio técnico, em termos de planejamento das etapas construtivas, e executivo, com a execução propriamente dita das referidas etapas (PROJETO 48, 2018).

É na escolha dos verbos utilizados que fica clara a intencionalidade das ações. Nesse universo são comuns os verbos doar, auxiliar, contribuir, ensinar.

3.2 Extensão com influências do Ensino.

Nesta categoria inseri os projetos que têm como tônica a transmissão de saber, o que remete ao ensino, típicas das pedagogias tradicionais que estão na base da educação brasileira. Existem neste conjunto ações que parecem estar voltadas a uma ampliação da carga horária do curso como estágios e grupos de estudo. Outras que enxergam na extensão uma forma de "ensinar" algo as pessoas da comunidade enxergando-as pelas lentes da passividade da condição de aluno tradicional.

Ao considerar o significado inicial do termo "extensão" implica uma posse e transporte de conhecimento, logo, a extensão universitária nada mais seria que estender à comunidade externa o conhecimento acadêmico das universidades, talvez por isso a ideia de ensinar, transmitir algo a sociedade esteja enraizada não só na história da universidade como na história da extensão.

Paul Wolff (1993), em sua obra em sua obra "O ideal da universidade" afirma que como santuário do saber é que são criadas as primeiras universidades, e que essa ideia de fonte inesgotável do saber, porém inatingível para muitos, é que se entende a concepção de transmissão para o ensino e para a extensão.

Entender isso, faz compreender o porquê da extensão ainda ser vista a partir de uma lógica pedagógica à qual Paulo Freire faz sua crítica na obra "Pedagogia do Oprimido" (FREIRE, 1970) a do ensino tradicional ou "educação bancária".

Abaixo segue trechos pinçados dos projetos analisados (com grifos meus) que reafirmam essa visão de extensão como ensino que implica em uma ampliação da carga horária de ensino. São eles:

> Fazer com que **a aluna seja capaz** de resumir informações de diversas fontes escritas reconstruindo argumentos e fatos (PROJETO 01, 2017).
>
> **Realizar os cursos** de terapia floral, reiki e auriculoterapia de acordo com o cronograma proposto (PROJETO 16, 2019).

> **Oferecer formação continuada** sobre ética em pesquisa com seres humanos a potenciais pesquisadores da comunidade loco-regional (PROJETO 20, 2018).
>
> **Despertar o interesse das crianças** do ensino fundamental pela disciplina de Matemática **e contribuir com o ensino e aprendizagem** de conteúdos **de Matemática** (PROJETO 06, 2020).
>
> **Orientação dos estudantes** na confecção dos trabalhos... **Apresentar aos alunos** do ensino fundamental e ensino médio técnico escolas públicas Catalão (GO) **substâncias originadas na superfície** do Planeta Terra utilizados **para construções de moradias. Explicar aos alunos** quais são essas substâncias [...] (PROJETO 06, 2017).
>
> **[...] capacitar por meio de grupo de estudo e supervisão alunos e ex-alunos** na área de intervenção em Psicologia na Comunidade; **ampliar a formação teórica e prática de alunos e ex-alunos** do curso de Psicologia da Regional Catalão/UFG em políticas públicas de Saúde, Direitos Humanos, Educação e Ação Social [...] (PROJETO 07, 2020).

Esse é um dos modelos de ideal de universidade que Paul Wolff (1993) apresenta, o santuário do saber. Vejam, a toda uma ênfase no ensino e na formação continuada, através de cursos de formação e capacitação teórica.

Por ter como ênfase cursos de formação, ele se aproxima bastante da próxima categoria, inclusive na quantidade de projetos encontrados, que exemplifica outro modelo ideal do autor, a universidade como agência de prestação de serviços.

3.3 Extensão como Prestação de Serviços

Os projetos categorizados como prestação de serviços são projetos com ações de extensão voltadas para elaboração de projetos técnicos, administrativos que soam com espécies de consultorias. Me lembra o modelo de universidade que Paul Wolff acreditava ser projeções de tendências recentes qual seja uma fornecedora de técnicos, de serviços profissionais técnicos e especializados.

Neste grupo há predominância de propostas que tem como objetivo prestar uma formação técnica ou oferecer um serviço como se vê nos excetos abaixo:

> **Elaboração de projeto arquitetônico.** Elaboração de projeto Estrutural. Elaboração de projeto Hidrossanitário. Elaboração de projeto Elétrico [...] (PROJETO 27, 2017).
>
> **Capacitar os seus membros na área de empreendedorismo,** tornando-os mais habilitados a empreender no futuro, divulgar a temática de empreendedorismo na universidade e na comunidade através de eventos, conectando as pessoas interessadas no tema (PROJETO 15, 2017).
>
> [...] **Calibrar equipamentos, construir suportes** para telescópio e lunetas, montagens experimentais diversas, **Realizar as apresentações** de palestras,

> **Elaboração de curso de capacitação** para realizar a prova da OBA, **Elaboração de tutorial de** observação e construção de telescópios (PROJETO 04, 2020).

Veja que há de modo central a preocupação em prestar um serviço à população ou a de oferecer capacitação profissional.

Anísio Teixeira (1998) foi um dos precursores no Brasil de um pensamento mais progressista que incumbia a universidade de outros objetivos como, por exemplo, aquele de Paul Wolff que pressupunha a prestação de serviço à comunidade local. Ele defendia basicamente três funções para a universidade pública: a) o ensino e a formação; b) a pesquisa e c) o serviço onde vemos um germe do que mais tarde veríamos como extensão e que guarda notadamente a ideia de assistência.

Confesso que tive dificuldades em diferenciar a extensão com influências do ensino para a Prestação de serviços, principalmente por ser muito confuso o objetivo de alguns projetos e por ambos possuírem as duas ênfases: o ensino e a prestação de assistência profissional.

Prevalecia então, para categorização, os objetivos que mais se repetiam ou então surgia a próxima categoria.

3.4 Extensão de Ensino e Prestação de Serviços

A Extensão de Ensino e Prestação de Serviços configura uma categoria baseada na linha tênue entre essas duas atividades. É difícil identificar quando acaba uma coisa e começa a outra.

O fato é que nela acontece uma transmissão do saber alicerçado em capacitações profissionais de modo concomitante a oferta de serviços de assistência a população. Vemos uma mescla dos modelos de universidade pública como "santuário do saber" e como "campo de treinamento para profissões liberais".

Nesse sentido entendo por que até nos primeiros anos da República (século XIX) não há um investimento significativo do Estado no Ensino Superior.

Trechos dos objetivos nesses projetos:

> [...] **colaborar com o processo de formação do aluno** de Psicologia, apresentando subsídios **para a atuação deste profissional no campo da saúde mental,** comprometida com a dimensão ética e política da prática psicológica (PROJETO 43, 2017).

> **Qualificar grupos de alunos de graduação para interagir com a população** em locais públicos (escolas, universidade e unidades de saúde) para atualização de

> informações seguras, **demonstrar manobras de ressucitação Cardio Pulmonar (RCP) e postura correta no atendimento pré hospitalar** (PROJETO 25, 2019).
>
> **Aumentar o acesso às informações, propor reflexões e a aprendizagem de novos comportamentos para os participantes,** diferentes daqueles praticados durante a adicção, a fim de evitar o retorno ao uso, contribuindo assim, para o avanço do tratamento da Dependência Química (PROJETO 34, 2017).
>
> **Levantamento do número de crianças com queixa escolar** atendidas no CEAPSI nos últimos cinco anos... **Formação continuada dos professores** nas escolas com crianças encaminhadas com queixa escolar... **Atendimento às crianças com queixa escolar** que não esteja vinculada diretamente a problemas psicológicos e sim, **no processo de ensino- aprendizagem** (PROJETO 43, 2018).

Percebam que realmente é muito sutil a linha dessa categoria.

É pertinente pensar no que Giddens (1991) coloca quando apresenta a importância das instituições modernas na produção dos sistemas peritos (*expert systems*) que são fundamentais ao mundo moderno e capitalista altamente e cada vez mais especializado. Ele mesmo advoga que a universidade é o lugar da formação de "sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje" (GIDDENS, 1991, p. 35). Assim é natural que se busque a todo tempo e lugar a priorização na formação dos técnicos, dos peritos. É isso que também alimenta as identidades profissionais e a noção de hierarquia profissional, da especialização acadêmica e de superioridade de conhecimento.

Dessa forma há dois traços marcantes: o elevado grau de competência profissional e excelência técnica em relação àqueles que lhes estão submetidos; e a crença em sua competência especializada – o que exige confiança às cegas (afinal não tem competência perita para avaliar a correção ou incorreção da prestação de serviços) no conhecimento especializado.

Talvez a ideia de uma instituição moderna responsável pela instauração e continua alimentação desses sistemas peritos explique a quantidade da prestação de serviços na universidade, e a quantidade de projetos de extensão que apesar de terem outra ênfase como o ensino e a pesquisa ainda carregam a prestação de serviços.

3.5 Extensão de Pesquisa e Prestação de Serviços

A Extensão de Pesquisa e Prestação de Serviços, há uma ligação na busca pelo conhecimento ao mesmo tempo em que se presta um serviço. Quase uma apropriação da comunidade como continuidade dos laboratórios da universidade. Os trechos seguintes permitem essa observação:

> **Selecionar as espécies** citadas pela comunidade, **com ações antimicrobianas,** que ainda não possuem estudos para esta atividade biológica, **para a realização de ensaios antimicrobianos, com o intuito de validar o uso das mesmas** (PROJETO 02, 2017).
>
> **Estimular a constituição de uma rede de profissionais e estudantes para o desenvolvimento de pesquisa e extensão, integrando ensino – serviço** (PROJETO 20, 2017).
>
> **Fomentar e discutir as PIC no espaço acadêmico da UFG,** para comunidade interna (estudantes, professores) e comunidade externa (profissionais de saúde e usuários da atenção básica), **por meio de estudos** das PIC utilizadas na saúde brasileira... **Promover e participar de eventos científicos, técnicos e culturais desta temática** [...] (PROJETO 18, 2017).

A próxima categoria já não carrega esses sistemas peritos e não tem resquícios de assistência profissional.

3.6 Extensão de Ensino e Pesquisa

Essa categoria tem uma particularidade que para além da transmissão do saber há uma preocupação em publicar textos e artigos ou de pesquisar a temática apresentada.

Ressalto os trechos abaixo com os grifos,

> **Estimular nos monitores** do Núcleo de Acessibilidade **a produção de conhecimentos e a participação** dos mesmos **em eventos científicos** e comunitários sobre o tema (PROJETO 03, 2018).
>
> **Promover discussões** sobre gênero, violências e psicologia sócio-histórica teórico-metodologicamente pautadas nas Teorias de Gênero e na Psicologia sócio-histórica... **Construir espaços para fortalecimento de pesquisas** sobre os referidos (PROJETO 31, 2018).
>
> **Incorporar** critérios de promoção dos **universitários e docentes** da UFG-RC associados **ao envolvimento em ações do Clube de Ciências... Promover** a popularização dos **resultados da presente proposta em eventos científicos** [...] (PROJETO 20, 2019).

Além de promover o ensino, há um estimulo na produção científica com publicações em eventos e fomentos a pesquisa.

Outras ações

Alguns projetos escaparam da classificação. Concursos, palestras, eventos, shows, conferências poderiam e mesmo deveriam estar cadastrados como cursos, eventos prestação de serviços. Socializo alguns objetivos que justificam essa análise.

> **Organizar shows com apresentações musicais** de cantores de MPB, rock nacional, samba; corais, orquestras etc. (PROJETO 55, 2018).
>
> **Representar à Universidade Federal de Goiás e o curso** de... Regional Catalão **em competições, desafios de baterias universitárias... torcer para os times e atletas do** curso em diversas modalidades de esportes em jogos universitários, além de **incentivar a interação cultural dos alunos** com a música (PROJETO 41, 2017).
>
> **Constituir um grupo de extensão em Espiritualidade e Saúde, pautado na crença do Cristianismo e Fé** para promoção da saúde no âmbito da UFG/RC... **Estudar** os temas Espiritualidade, Cristianismo e a crença da Fé e a sua **relação com a promoção da Saúde e Estilo de Vida...** Discutir as consequências de um estilo de vida inadequado [...] (PROJETO 30, 2019).

E por fim, chego à última categoria.

3.7 Extensão Inovadora

A extensão tem em seus objetivos a inspiração em prol da troca de saberes entre comunidade e a universidade, nos quais vislumbrei a extensão que Thiollent (2016) e Freire (1983) fundamentam. Aquela que se delineia nos documentos e aquela a qual defendo por acreditar.

Michel Thiollent (2016, p. 45) acredita que para a extensão universitária ser vista de uma forma mais efetiva e compromissada socialmente, o que classifiquei como extensão inovadora é “preciso rever finalidades, metodologias, planejamento e qualidade”.

O autor ainda afirma que é nesse espaço coletivo de interlocução e atividades, que se traz a possibilidade de transformação no papel dos jovens perante a sociedade, inovando o ensino e diminuindo os seus discursos dominantes.

Em seus projetos é notável a existência de uma preocupação com a emancipação dos sujeitos, com o acesso aos direitos sociais que são elementos constitutivos dos propósitos de transformação da sociedade.

Nota-se a assunção de duas ou mais diretrizes da extensão (5I’s), que mencionei nesse capítulo e no anterior. Aqui o papel de transformação social e de formação social se apresentam muito forte e colaboram para que haja cada vez mais o investimento na extensão como uma forma de transformação da realidade social.

Destaco, os trechos dos projetos que corroboram com essa concepção:

> **Estreitar relações entre Universidade e Comunidade...** Fazer da **reflexão crítica, da contextualização, da interdisciplinaridade e do desenvolvimento de competências um universo metodológico** [...] (PROJETO 09, 2020).
>
> **[...] promover através das práticas corporais e esportivas** a aquisição de hábitos de vida saudáveis **aos universitários e toda a comunidade... contribuir para o**

> **processo formativo dos estudantes,** no que tange a formação à docência [...] (PROJETO 09, 2017).
>
> **Proporcionar acesso a diversas formas de experiências expressivas... acesso aos bens culturais** [...] **Promover espaços e ações** para criação de laços **sociais** através de vivências expressivas, **favorecendo ao autoconhecimento, a valorização da autoestima, o sentimento de pertencimento** e alteridade [...] (PROJETO 14, 2017).
>
> **Articular ensino, pesquisa e extensão na formação acadêmica** [...] **Criar**, na Regional Catalão, **um ambiente de cultura e de arte-educação** para a comunidade interna da UFG/RC e para a comunidade externa, **possibilitando seu acesso à produção lúdica contemporânea e tradicional** por meio do acervo disponibilizado pela Ludoteca [...] (PROJETO 36, 2018).
>
> **Oportunizar a discussão de experiências de ensino e aprendizagem** que envolvam como **estratégia pedagógica a ludicidade, o ensino investigativo, a experimentação a fim de garantir a educação científica** e estimular a formação docente inicial e continuada **através da troca de ideias entre professores da Educação Básica e graduandos da UFG-RC** (PROJETO 24, 2017).
>
> **Promover integração e desenvolvimento social,** relações humanas e interpessoais ao fomentar a participação e promoção cultural [...] **Levar a magia do cinema** até as pessoas moradoras da zona rural... **Oferecer uma oportunidade de proporcionar cultura e lazer para os moradores da comunidade,** aliando entretenimento e reflexão por meio da exibição de filmes [...] (PROJETO 39, 2017).

Ressalvo ainda que um desses projetos busca pela extensão a conjunção dos elementos do tripé indissociável da universidade e que deveria ser também o da extensão quando aponta da seguinte maneira seus objetivos:

> **Objetivos – Atividades de Ensino:** - desenvolver habilidades para a prática de um ensino investigativo que assegure o conhecimento científico a ser obtido pela capacidade do graduando em articular saberes e práticas [...] **Objetivos – Atividades Extensionistas -** prover ações de promoção para o desenvolvimento local com a garantia de qualidade sanitária e nutricional a partir de medidas sustentáveis [...] **Objetivos – Atividades de Pesquisa -** otimizar as técnicas para a produção dos panificados tradicionais e funcionais [...] (PROJETO 35, 2017).

Nesta seara estão os projetos que buscam uma extensão como a que Paulo Freire (1983) reforça em sua obra "Extensão ou Comunicação", ou seja, como atividade *sine qua non* para uma universidade efetivamente democrática e que deve perpassar a ideia somente de transmissão do saber. Para minha grata surpresa, essa categoria foi dominante dentre os projetos encontrados. O que me faz acreditar que a extensão está se modificando ao longo desses anos e que já se pode vê-la como uma ação emancipatória-critica, que pode promover a transformação social e com um lócus de formação universitária.

Há projetos nessa categoria que têm ações voltadas em garantir a acessibilidade de práticas corporais, sociais e culturais. Ações que defendem, por exemplo, a prática de esportes e lazer como beneficiadora na formação do cidadão já que essas práticas auxiliam no bem-

estar físico, emocional e cognitivo e tais atividades são indispensáveis para compreensão da realidade social.

Será que as metodologias de Extensão Universitária desses projetos se articulam a essas concepções? A seguir, analiso as metodologias dos projetos cadastrados.

3.8 Análise das concepções da Extensão Universitária a partir das suas metodologias.

Na análise das metodologias fiz um exercício de buscar de que forma os seus participantes atuam nesse projeto. Como esse público é visto pela extensão? Eles são atuantes ou passivos no projeto?

Assim como nos objetivos busquei identificar nas metodologias trechos mais ou menos próximos aos documentos, legislação e diretrizes que fundamentam a extensão universitária. Cheguei à classificação de três níveis de metodologias.

A primeira se apresentou mais passiva. Nela vemos projetos que têm uma concepção mais assistencialista e de educação bancária. Há um papel passivo aos participantes (atendidos) ou mesmo a omissão sobre o modo como devem participar da ação.

Nas metodologias surgem como ações as campanhas de arrecadações, a realização de eventos (quase sempre essa realização fica a cargo da universidade), a organização de campanhas (quase sempre organizada pelos sujeitos da universidade), conferências e palestras, informes, workshops, cursos de formação e capacitação, ensino e grupos de formação continuada. Aqui não se leva em consideração o conhecimento próprio de uma pessoa ou grupo externo a universidade e sim o diagnóstico de suas necessidades, seja de infraestrutura, seja de capacitação, seja de formação e a oferta de soluções ou atividades.

Os trechos abaixo (com grifos) são representativos desse grupo.

> **Os cursos serão planejados** em consonância **com as necessidades das empresas** atuantes na indústria mineral, de modo a **capacitar seus colaboradores** (atuais e futuros) (PROJETO 22, 2017).
>
> **A metodologia proposta** para o desenvolvimento do projeto gira em torno das principais atividades... **Incluem aqui ações como palestras, olimpíadas de empreendedorismo, encontros, cursos, seminários, oficinas, hackathons e etc.** (PROJETO 37, 2019).
>
> [...] **O professor responsável pela pesquisa** conversará com os proprietários ou gerentes, e **pedirá** autorização **para fazer a pesquisa de preço, a qual será realizada por alunos...** Depois do cálculo pronto **será elaborado Boletins mensais, os quais serão divulgados amplamente às instituições interessadas e à população,** por meio dos meios de comunicação (redes sociais, e-mail, TV) (PROJETO 38, 2017).

> [...] **levar os docentes e discentes** de engenharia da UFG Regional Catalão **a realizar diversos projetos da área de gestão da qualidade e melhoria contínua...** é feito um cronograma em que se busca adequar... que o maior número de **alunos participantes do projeto** possam estar presentes nas ações. Esse cronograma também **deve se adequar aos locais e possíveis clientes que irão receber as intervenções,** por meio de visitas prévias e avaliação dos métodos e atividades a serem realizados nos mesmos (PROJETO 42, 2017).
>
> **O grupo terá temáticas específicas**... e trabalhará com tarefas como: **ler textos clássicos, didáticos, e pesquisas atuais, expor e analisar temas, assistir vídeos, analisar os conceitos fundamentais, resolver problemas comportamentais, criar e participar de jogos** afim de tornar os encontros atrativos e interativos. Outras metodologias podem surgir no decorrer dos encontros com a participação efetiva dos membros do grupo (PROJETO 45, 2017).
>
> **A metodologia** deste projeto **consistirá em três fases distintas, a saber: a) produção de material didático; b) formação continuada de professores; e c) divulgação científica...** criarão **materiais didáticos diversificados,** tais como: jogos, maquetes, **roteiros de aulas práticas e aulas de campo... formação continuada através de oficinas** será planejada e executada pelos discentes... com a finalidade de proporcionar momentos de discussão e reflexão da prática... **a criação e execução de oficinas** temáticas sobre assuntos diversos da Biologia voltadas **para alunos de ensino fundamental e médio** [...] (PROJETO 40, 2017).

Vejam, em alguns projetos não se vê quaisquer indicações do tipo de participação do público-alvo e sim a descrição metodológica do que será feito pelos sujeitos da universidade para garantir uma determinada prestação profissional ou o desenrolar de uma atividade de ensino-formação ou pesquisa. Assistir a palestras, participar de cursos, eventos, ter acesso a informes e boletins, capacitação profissional é importante, porém não deixa de ser transmissivo e traz a ideia de um papel passivo para as pessoas que dela participam.

Será que as pessoas querem apenas ouvir e aprender? Será que não há espaços para elas terem seu lugar de fala, e o seu momento de ensinar?

Nas atividades de ensino, chama a atenção a utilização da extensão para ampliar a carga horária da extensão para ampliação das disciplinas?

Aqui cabe questionar: Será que é isso o que a curricularização propõe? A utilização da carga horária da extensão para a ampliação das disciplinas? Acredito que não.

A segunda metodologia encontrada reverbera algo conflitante com um pé na torre de marfim e o outro na torre de babel. Na fronteira entre eles a prestação de serviços.

Os vejo como um ensaio para sair dessa concepção passiva assistencialista e chegar na concepção dialógica. E nessa tentativa, a metodologia passiva-ativa transita por todas as concepções da extensão, mas ainda de forma sutil é evocada a dialogicidade.

Abaixo, trechos dessas metodologias:

> Será um projeto a ser **desenvolvido de maneira multiprofissional** com a participação de **alunos do curso de medicina, enfermagem e educação física.** Eles terão orientação e supervisão do professor responsável pela equipe. As atividades

> **serão desenvolvidas através de palestras e distribuição de folders, visitas,** intervenção com orientação sobre os agravos mais comuns à saúde do homem. **Para a sensibilização e conscientização** visando a mudança de atitude da população masculina [...] (PROJETO 05, 2018).
>
> [...] **O curso** será realizado... encontros com **abordagem pedagógica participativa, reconhecendo o papel de cada membro na construção do conhecimento,** assim, **pretende-se propiciar espaços de construção coletiva do conhecimento e da troca de experiências no tema em questão.** Como estratégias para isso serão utilizados **os recursos metodológicos que valorizem as leituras prévias dos temas em estudo,** realização de seminários e a elaboração de projetos de intervenção na realidade profissional [...] (PROJETO 11, 2018).
>
> **A metodologia** de ensino utilizada será a abordagem **pedagógica da Educação Física na perspectiva crítico-superadora.** Nessa perspectiva a aula é entendida como "um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas sociais. **A aula, nesse sentido, aproxima o aluno da percepção da totalidade das suas atividades,** uma vez que **lhe permite articular uma ação (o que faz), com o pensamento sobre ela (o que pensa) e com o sentido que dela tem (o que sente)** (PROJETO 03, 2017).
>
> A metodologia proposta neste Projeto **contempla ações voltadas ao resgate dos saberes populares** da Comunidade... **sobre plantas medicinais**... por meio do **levantamento** etnobotânico, palestras, cursos e oficinas com os integrantes que voluntariamente aderirem às atividades propostas... **ações de qualificação, como atividades teóricas e práticas** e outras intervenções, com **temas como sustentabilidade ambiental** e uso seguro e sustentável das **plantas medicinais do Cerrado,** que promovam o desencadeamento de processos de **inovação, a inclusão social, o compartilhamento de conhecimento, a aprendizagem significativa, a sensibilização ambiental e a responsabilidade ecológica...** para todas as ações ... **os participantes das comunidades serão incentivados a relatarem verbalmente** as compreensões obtidas das ações e **elaborarem pequenos textos, sobre os conhecimentos adquiridos** [...] (PROJETO 02, 2017).
>
> Trata-se de **um projeto interdisciplinar,** que envolve os **cursos de Enfermagem, Psicologia, Pedagogia e Medicina e... o curso de Biologia** da Universidade Federal de Catalão e **profissionais da instituição hospitalar.** O projeto foi elaborado e será **executado por docentes destes cursos** em parceria com **enfermeiros e psicólogo da instituição hospitalar.** Para a execução do projeto **serão selecionados alunos** destes cursos para possibilitar a **abordagem interdisciplinar nas atividades diárias** do projeto... **Grupo de Estudo interdisciplinar...** docentes, profissionais da instituição e alunos... e o desenvolvimento de **pesquisas sobre o tema** (PROJETO 01, 2020).

Notem que existe a intenção em construir uma extensão mais dialógica, o que significa a participação das pessoas na tomada de ideias e das propostas. É observável que se busca um papel mais participativo e decisivo da ação conjunta da comunidade nas ações.

Os projetos já começam a trabalhar com interdisciplinaridade de profissionais, unindo mais de dois cursos ou áreas, apresentam fundamentação teórica das suas metodologias, ensaiam a ideia de compartilhar conhecimentos e de registrar pela escrita ou pela fala o ensino adquirido. Consideram conhecimentos, análises do público-alvo, lançam mão dos diálogos como força motriz para a conscientização. Disso tudo a mudança de comportamentos, de realidade.

Os projetos dessa categoria só não se classificam na terceira metodologia porque ainda guardam uma visão mais passiva do que ativa e ainda têm o professor-coordenador como agente central, diretivo como no ensino. São metodologias muito boas, mas ainda falta a cereja do bolo. O desapego a hierarquia e a verdadeira dialogicidade. Isso é destaque a terceira e última metodologia.

A mais completa entre as três pois contempla quase todos os 5I's do Plano Nacional de Extensão (2001b). Nessa concepção a comunidade participa ativamente, com reflexões críticas e emancipatórias nas ações extensionistas. Não à toa são mais detalhados, descritos em profundidade.

Alguns trechos das metodologias dos projetos desta categoria:

> [...] **os objetivos do projeto** e incentivar a participação e continuidade de um **trabalho interdisciplinar, baseado no tripé Ensino/Pesquisa/Extensão...** agenda de visitas programadas às escolas, **visando despertar o interesse dos jovens pelo estudo das ciências** (nas mais variadas áreas do conhecimento); - Apresentação de palestras interativas... serão **exemplificados projetos interdisciplinares,** contextualizados com o cotidiano dos alunos, **criativos, inovadores e que privilegiem a atitude investigativa,** visando incentivar alunos e professores da Educação Básica a elaborarem seus próprios projetos, de forma criativa, inventiva e investigativa... Apresentação dos resultados obtidos em eventos e periódicos científicos [...] (PROJETO 36, 2019).
>
> **[...] pretende-se, ao longo de toda ação,** planejar, organizar e realizar oficinas, palestras e **rodas de conversas envolvendo a comunidade interna e externa...** rodas de conversas para alunos da educação básica do ensino médio e da educação de jovens e adultos da rede pública de ensino de Catalão e região, para membros de movimentos sociais e membros de movimentos negros e para comunidades quilombolas e indígenas, **com o intuito de discutir a política de cotas étnico-raciais** na Regional Catalão da UFG, **ampliando o acesso de pretos, pardos, quilombolas e indígenas no ensino superior** [...] (PROJETO 47, 2018).
>
> [..] **temas transversais sobre conservação do Cerrado,** tais como: introdução à biodiversidade, características do bioma, conservação de fauna e flora, recursos hídricos, desmatamento e perda da biodiversidade. As **palestras interativas** serão ministradas com a **exposição de dados, materiais gráficos e biológicos acrescentados de discussões, estimulando-se a participação dos alunos.** Será feito o uso de recursos audiovisuais e atividades práticas; **os comentários e compartilhamento de experiências próprias serão estimulados, valorizando-se o saber popular** (PROJETO 03, 2020).
>
> **A metodologia utilizada** está voltada ao **trabalho social de caráter exploratório...** Para elaborar e orientar o programa de vivências corporais, inicialmente será realizado **uma análise de conjuntura da Instituição e o levantamento dos seguintes dados...** sexo, faixa etária, utilização de medicamentos, patologias, pressão arterial (PA), frequência cardíaca (FC), dentre outros **com vistas a identificar suas necessidades e interesses. Os(as) alunos** assim como **os professores responsáveis deverão,** a partir das vivências corporais realizadas **elaborar e entregar relatórios das atividades desenvolvidas.** Para tanto **serão realizadas quinzenalmente reuniões de estudos e análise crítica da literatura** relacionada à atividade física e terceira idade, **planejamento e avaliação das atividades** a serem realizadas. As **vivências corporais** serão realizadas por meio de músicas; contos; jogos e brincadeiras; danças; atividades de coordenação motora e

> raciocínio (pinturas, desenhos, colagens, quebra-cabeça, blocos de montagem, jogos motores, dentre outras) etc. [...] (PROJETO 25, 2018).
>
> No âmbito do **Projeto... as seguintes ações:**
> 1.Curso... propiciar o conhecimento geral das pessoas, independentemente de sua formação, sobre as possibilidades de se **pensar na constituição do ser que ao se instituir só o faz na relação indissociável entre ele mesmo e os outros...**
> 2.Curso... das **apropriações e falsificações sofridas pela culinária**...
> 3.Curso... **problematizar a história do riso ocidental,** à luz de **uma reflexão histórica,** mais especificamente de uma história que se ocupa da **cultura e da cultura popular...**
> 4. Curso... **Refletir a partir de imagens fotográficas** as histórias de vida, histórias de leitura e vivências... **narrar sua história de vida e de leitura...**
> 5. Curso... a função de falar de coisas que levem **as pessoas a falarem de si e nesse processo construir um lugar comum...**
> 6. Curso... **exercício de falar de si,** a partir de uma imagem **e falar do outro a partir da captura de imagem potencializa o conhecimento** de subjetividades, das angústias e **expectativas individuais e também do grupo** [...] (PROJETO 28, 2018).
>
> [...] **os docentes serão entrevistados a fim de conhecer suas concepções e práticas pedagógicas em...** serão realizadas **entrevistas antes e após as Atividades/Oficinas pedagógicas com os discentes** para verificarmos os conhecimentos obtidos com as metodologias realizadas... Diante do contato e entrevista com os professores, faremos o **planejamento das atividades em conjunto (pesquisadores, licenciandos, professores da Educação Básica),** a fim de estabelecer as temáticas de interesse de estudo, para então elaborarmos as atividades pedagógicas a serem desenvolvidas, bem como confeccionar o material pedagógico necessário, pensando nas diversas temáticas em... - Atividades/Oficinas Pedagógicas... Grupos de estudo e discussão sobre... metodologias de ensino como: **Contação de histórias... dinâmicas de grupo, jogos pedagógicos, atividades teatrais, exercícios que envolvam movimento e musicalidade, produção artística** e outros. Vale ressaltar que **as temáticas de intervenção junto aos discentes serão selecionadas de acordo com as demandas apresentadas pelos docentes e com base nos eixos indicados** [...] (PROJETO 24, 2017).
>
> A equipe do **projeto, composta por professores e estudantes dos Cursos de...** para **investigação do conhecimento acerca da doença e seus cuidados, por meio de questionário acerca de dados sociodemográficos, clínicos e laboratoriais...** e o Questionário de Conhecimento... é composto ... conhecimento geral acerca do DM, distribuídos em cinco categorias: fisiologia básica, incluindo ação da insulina; hipoglicemia; grupos de alimentos e suas substituições; gerenciamento do DM na intercorrência de alguma outra doença e; princípios gerais dos cuidados com a doença (TORRES; HORTALE; SCHALL, 2005). **Após análise das respostas, será realizada atividade educativa específica, individualizada, conforme a necessidade avaliada com o uso do instrumento** DKN-A. A equipe responsável pelo projeto**... os alunos acompanham grupos de estudos e atividades específicas de capacitação para o desenvolvimento das atividades do projeto. As intervenções de educação em saúde** realizadas com as pessoas internadas, com diagnóstico de DM2 **serão realizadas de forma dialogada,** na perspectiva de conhecer o seu contexto sócio-econômico e da rotina de cuidados, além da aplicação do questionário DKN-A, para nortear o diálogo sobre o DM2 e seus cuidados (PROJETO 26, 2017).

Logo, temos as cinco diretrizes da extensão. Nos projetos em questão estão claras as descrições de várias etapas do processo como o levantamento de dados, planejamento e confecção de atividades, a troca de saberes, a pesquisa, ações políticas que promove a interação e transformação entre Universidade e a sociedade. Notável como transparecem a

consciência de que são a oportunidade de acesso a direitos sociais como é o caso da proposta que evoca as práticas corporais, as artes visuais, a música, a dança, o teatro nitidamente propulsores ou garantidas de uma perspectiva de extensão dialógica. A Torre de Babel apresenta pela diversidade de temáticas o potencial da extensão. Afinal o processo educativo acontece para além do ensino e da pesquisa, ele é

> [...] cultural que demanda envolvimento social, bem como científico e político. Isso denota que a extensão universitária é viabilizada pela realização de pesquisa, garantindo o domínio teórico para as atividades ao longo do processo e envolvimento social. A extensão para sua efetivação se apresenta como dialógica e interdisciplinar, ou seja, estabelece diálogo com o ensino e a pesquisa, abrangendo várias áreas do conhecimento (KOCHHANN, 2019, p. 165).

São exemplos de como a extensão dialoga com o ensino e a pesquisa em igual estatura. O saber que é sempre compartilhado e construído coletivamente.

Acredito que ao chegar até aqui, eu, você, nós, possamos perceber e legitimar o papel da extensão como um processo socioeducativo que lhe deveria ser garantido, e dar voz a suas ações de resistência, resiliência.

3.9 Considerações Parciais

Neste capítulo o objetivo era analisar os projetos de extensão cadastrados entre 2017 e 2020 através dos seus objetivos e metodologias. Essa análise sobre o viés dos projetos me revelou sete categorias de extensão segundo os seus objetivos: 1) Extensão de caráter assistencialista; 2) Extensão com influências do ensino; 3) Extensão como prestação de serviços; 4) Extensão de ensino e prestação de serviços; 5) Extensão de pesquisa e prestação de serviços; 6) Extensão de Ensino e Pesquisa e; 7) Extensão Inovadora.

Apesar de todas essas categorias, três delas predominaram: Extensão com influências de ensino, Extensão como prestação de serviços e, Extensão inovadora. O que mostra uma transformação da concepção de extensão ao longo dos anos.

Quanto as suas metodologias foram encontradas três tipos. Uma mais passiva e assistencialista. Uma que ainda se encontra no meio do caminho: um pouco passiva, um pouco ativa. E a outra mais ativa e dialógica.

Essa última ao qual está pautada nas diretrizes da extensão acredito e desejo ser o futuro da extensão universitária na UFCAT.

CARTA A PROPÓSITO DAS CONCLUSÕES

Cara leitora, caro leitor,

Pensei em diversas formas de concluir essa pesquisa, e não vejo outro modo de melhor apropriação do conhecimento construído ao longo dessa pesquisa, do que escrever esta carta.

A pesquisadora que agora escreve, tem dados importantes para pontuar sobre os projetos de extensão da UFG-RC/UFCAT. Então, vamos por partes!

Primeiro vale lembrar a questão norteadora da pesquisa:

Como se configura a extensão universitária na UFG-RC, atual Universidade Federal de Catalão, a partir dos projetos de extensão desenvolvidos entre os anos de 2017 e 2020?

Para responder a essa questão, tive como objetivo geral: analisar os projetos de extensão universitária na UFG-RC/UFCAT de 2017 a 2020 e como objetivos específicos: a) compreender a universidade pública brasileira e nela a extensão universitária, b) produzir um panorama geral dos projetos de extensão na UFG-RC/UFCAT cadastrados entre os anos de 2017 e 2020 e c) analisar projetos de extensão universitária na UFG-RC/UFCAT desenvolvidos entre 2017 e 2020.

Em toda a pesquisa fui levantando questionamentos para tentar entender e compreender o meu objeto de pesquisa. Evidente, que nem todas as perguntas foram respondidas e o objetivo nem era esse, mas sim de fazê-las.

No primeiro capítulo através do memorial pude contar toda a minha história de vida fazendo um paralelo com o ensino, a universidade e a extensão universitária. Histórias que se cruzam, histórias que se complementam.

Nessa história não cabia falar somente de mim, tive que trazer de onde vim, a história de minhas raízes, assim como tive que falar da transformação da universidade. Logo, revisitei desde a creche nos primeiros anos de vida até a pós-graduação.

Ao reviver essas memórias e as memórias de minhas progenitoras, busquei entender os subterrâneos das ideias e visões que tenho sobre educação, universidade, formação. Percebi, a ausência da universidade na trajetória da minha família, a inatingível Torre de marfim, pelo menos para a minha avó e minha mãe. Por um tempo era essa visão que eu tinha da universidade, mas graças a vinda a Catalão e ao Cursinho Israel Macedo pude sonhar em subir nessa torre. E assim o fiz, mas notei algo, a Torre já não era de Marfim, ela tinha se tornado em a Torre de Babel. O seu modelo atual.

Uma universidade totalmente convidativa, mas que ainda carrega estereótipos do que foi e que tanto pode ser um castelo de sonhos como um lugar inóspito.

Se entrar é difícil permanecer nela é ainda mais.

Mas uma coisa que me ajudou bastante e que me fez sentir parte integrante de sua comunidade foram os projetos de extensão. Acredito eu, que pela política de extensão, pude nela permanecer, e digo mais foi através dela que pude te escrever essa carta hoje.

Foram muitos projetos ao longo desses anos. Às vezes de forma ativa, às vezes de forma passiva, mas uma coisa é certa, o esporte, o lazer e a cultura sempre estiveram presentes na minha formação.

A extensão me mostrou que a universidade transcende a ideia de apenas ser um espaço para pessoas com o intelecto acima da média ou para preparar pessoas para o mercado de trabalho. Ela tem o papel social de incitar o pensamento crítico de seus alunos. Ser um espaço de resistência e mudança. E assim, garantir uma transformação social para ela e por ela e para a sociedade e pela sociedade.

Confesso que no momento inicial da pesquisa tive muitas dificuldades em entender a história da universidade e da extensão. Muitos dados históricos me confundem bastante, aliás me confundiam muito. Mas esse exercício de articular esses dados com a minha história de vida me fez enxergar para além dos números.

E fica aqui a minha dica, para os(as) próximos(as) pesquisadores (as). Façam o seu memorial relacionando o seu objeto de pesquisa.

No segundo capítulo busquei apresentar um panorama dos projetos de extensão cadastrados entre 2017 e 2020. Eita capítulo que foi difícil de sair!

Foram vários documentos (bases legais da extensão), inúmeras tabelas, inúmeras tentativas de sistematizar esses dados de uma forma que eu os pudesse compreender e assim fazer a sua leitura. Eu não sei se todos os pesquisadores pensavam como eu, que os documentos viessem prontos, lindos e maravilhosos para a análise. Mas eles nunca vêm, para a nossa alegria (só que não). Crises de ansiedade e de identidade se mostraram pertinentes ao longo do caminho. A orientadora que lute para conseguir lidar com a intensidade de uma orientanda des(orientada).

Eu duvidava de tudo, eu duvidava de todos.

Mas graças a isso, pude perceber um furo nos documentos iniciais devido a troca de sistemas dos cadastros dos projetos.

Superado isso, a discussão no campo das políticas educacionais da extensão universitária me fez perceber a importância dessas politicas e o avanço que as mesmas sofrem

ao longo dos anos e de acordo com as demandas sociais. As próprias concepções de extensão e de ensino, ao comparar documentos antigos e documentos mais atuais avançam no sentido mais dialógico.

Ainda no mesmo capítulo fiz um panorama dos projetos de extensão cadastrados na UFG-RC/UFCAT entre os anos de 2017 e 2020. A intenção foi de investigar quantitativamente esses dados para enxergar um retrato da extensão e assim visualizar o que nela se projeta nestes dias. Este retrato revelou muita coisa.

A extensão segundo os seus projetos apesar de estar em todas as unidades e cursos, é uma atividade mais presente nas áreas das humanas e a maior presença da educação e da saúde são reveladoras de que a extensão reconhece seu papel frente as demandas da sociedade mas as ausências da tecnologia e das comunicações permite pensar sobre o porquê de seu afastamento na equidade do tripé da universidade. Ela congrega a pluralidade dos sujeitos da comunidade universitária como docentes e técnico-administrativos, mas ainda não consegue se espraiar firmemente para fora dos muros da universidade, o que torna o seu público-alvo endógeno e interno.

As produções acadêmicas sobre a extensão ainda são pequenas em termos de produção acadêmica e precisa investir mais em políticas extensionistas e financiamentos, pois o número de projetos financiados ainda é sutil.

Acredito que uma maior dificuldade aqui foi a de desmembrar esses projetos para identificar os seus órgãos, unidades proponentes e cursos de origem. Alguns eu consegui, outros não, mas isso não impediu de gerar dados para lhe apresentar a cara da extensão.

No terceiro e último capítulo. Ufahhhh!

A finalidade foi mergulhar mais profundamente para essa extensão. Como o capítulo mesmo sugeriu um olhar para além dos números. Áhhhh! Que delícia foi escrever esse capítulo! Outra dica importante, anotem aí. Aproveitem tudo o que o (a) orientador (a) falar, ou se não for o caso de orientação, escutem as pessoas aos seu redor, principalmente os mais velhos. Sério!

É incrível a intuição e visão de mundo que esses seres tem.

Voltando para a análise, através dos objetivos, consegui classificar sete categorias de concepções de extensão. Foram elas:

1) Extensão de caráter assistencialista;

2) Extensão com influências do ensino;

3) Extensão como prestação de serviços;

4) Extensão de ensino e prestação de serviços;

5) Extensão de pesquisa e prestação de serviços;

6) Extensão de Ensino e Pesquisa e;

7) Extensão Inovadora.

Apesar de toda essa diversidade de categoria encontrada, três delas predominaram: Extensão com influências de ensino, Extensão como prestação de serviços e Extensão inovadora. Isso revela que houve uma transformação da concepção de extensão ao longo dos anos para além de suas bases legais, citados no segundo capítulo.

Quanto às metodologias foram encontradas três tipos de acordo com o papel que os seus participantes desempenharam na extensão. Uma mais passiva e assistencialista, no qual o participante é um receptor de conhecimento ou prestação de assistência. Outra que ainda se encontra no meio do caminho: um pouco passiva, um pouco ativa, mas os participantes dessas ações mais recebem o conhecimento do que compartilham os seus. E por última, a mais ativa e dialógica. Pautada nas diretrizes da extensão, ela busca compreender para que ou para quem essa ação é realizada. Não por acaso, é o desejo do futuro para a extensão universitária na UFCAT.

Mas se calmem! Apesar de ter sido gostoso essa escrita, tenho que ser sincera quanto as dificuldades que encontrei.

A análise de conteúdo foi bem densa devido a descrição das metodologias descritas no cadastro dos projetos que são bastante complexas e confusas, ora exaustivamente extensas ora muito sucintas. Há muita poluição visual, muitas contém objetivos, os indicadores de avaliação, junto e misturado (literalmente). Confesso que de todos os objetivos esse está no ranking dos mais difíceis. Inclusive, tive mais facilidade nas categorias dos objetivos do que nas metodologias.

Concluindo, aceno que por ora é preciso transportar o papel da extensão na UFCAT o que significa levá-la para além de seus muros. Parafraseando Paulo Freire, acredito que a extensão não ainda, mas, sobretudo agora.

Chegar até aqui, me faz ver que a maioria dos objetivos propostos nos capítulos foram atingidos. Assim como através deles, diversos questionamentos serão levantados.

Que assim seja!

Pois essa pesquisa, abre muitas portas para diversos olhares sobre esses projetos de extensão. Só com os documentos seria possível mais de dez pesquisas com essa temática. Cada pessoa vai olhar por uma ou várias lentes essas ações.

Mas seria muito enriquecedor se as novas pesquisas, tentassem buscar na prática os projetos de extensão, um olhar para além de seus documentos. Ou quem sabe pesquisas (auto)biográficas com os coordenadores, discentes e comunidade dessa extensão.

Considero que eu, todos os meus colegas, os professores do mestrado em Educação, do PPGEDUC, os professores que aceitam dar a sua contribuição na banca, seja na qualificação, seja na defesa são pessoas admiráveis e que merecem o respeito. Afinal atravessar a mais de um ano letivo, e focar em uma escrita acadêmica é resistir. É gritar para todo mundo ouvir: Viva a ciência, viva a educação, viva a extensão!

Enfim, não quero me alongar muito porque se tem uma coisa que a pandemia me mostrou é que o tempo é precioso, e que todo tempo perto de sua família, amigos, amores, pets é pouco. Então, espero que tenha gostado da leitura. Que ela possa ter instigado o seu olhar sobre o tema para que você veja a extensão, como eu a vi.

Abraços fraternos,

Amanda Graziela de Oliveira (A eterna menina, agora, mulher dos porquês!).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 15 maio 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf. Acesso em: 15 maio 2019.

BRASIL. **Lei nº 6.310, de 15 de dezembro de 1975.** Autorizo a instituição da Fundação Projeto Rondon, e dá outras providências. Brasília, 1975. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6310.htm. Acesso em: 04 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, 2001a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf. Acesso em: 04 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.0005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, 2014. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014. Acesso em: 04 nov. 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Extensão Universitária (PNEXT).** 2001b. Disponível em: https://portal.ufpa.br/images/docs/Trasnparencia_publica/legislacao/Planonacionaldeextensaouniversitaria.pdf. Acesso em: 04 nov. 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Extensão Universitária (PNEXT).** 2011. Disponível em: http://www.naea.ufpa.br/index.php/plano-nacional-de-extensao-universitaria-pnext. Acesso em: 10 jan. 2021.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. (Orgs). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316. Disponível em: https://www.academia.edu/9238598/ANDR%C3%89_CELLARD_A_an%C3%A1lise_documental_p_295_316. Acesso em: 01 out. 2019

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, 2006.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Extensão Universitária**: Organização e Sistematização. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: https://www.unochapeco.edu.br/a-extensao/downloads/extensa-o-universita-ria-organizac-a-o-e-sistematizac-a-o-forproex-2007. Acesso em: 10 out. 2020.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus, 2012. Disponível em:

https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

FRAGA, Lais Silveira. As relações entre universidade e sociedade a partir da extensão ou por que não é suficiente ir às praças mostrar o que a universidade faz. **Revista do EDICC**, v. 6, 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOSSEIN, Tatiana Spíndola. **História de Vida e Formação entre Sombras e Luz:** o Memorial. 2010. 69 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Pedagogia) – FACED/PUCRS, Porto Alegre: 2010.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca.** Tradução: Ana Guadalupe. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2017.

KOCHHANN, Andréa. As concepções epistemológicas do Objeto: principais apreensões. *In*: KOCHHANN, Andréa. **Formação Docente e Extensão Universitária**: tessituras entre concepções, sentidos e construções. 2019. 548 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. p. 121-201.

MEC. Ministério da Educação e do Desporto. **Programa de Apoio à Extensão Universitária voltado às políticas públicas**. Brasília, 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/edital2003.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

MEC. Ministério da Educação. **Resolução Consuni nº 03/2008.** Regulamenta as Ações de Extensão e Cultura na UFG e o Programa de Bolsas de Extensão e Cultura [...]. Goiânia, 2008. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/572/o/resolucao_consuni_n_03_2008.pdf?1485969545. Acesso em: 20 abr. 2021.

MEC. Ministério da Educação. **Resolução nº 07/2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014 [...]. 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: nov. 2020.

NOMERIANO, Aline Soares; MOURA, Severina Mártyr Lessa de; DAVANÇO, Sandra Regina. **Expansão do Ensino Superior no Governo Lula da Silva**: ProUni, REUNI e interiorização das IFES. IV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade". p. 1-16. 2012. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10172/12/11.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

O TEATRO MÁGICO. O Anjo mais Velho. **O Teatro Mágico**: Entrada para Raros. Composição: Fernando Anitelli. Gravadora Independente, 2003.

OLIVEIRA, F.; GOULART, P. M. Fases e Faces da extensão universitária: rotas e concepções. **Revista Ciência em Extensão,** v. 11, n. 3, p. 8-27, 2015. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1225. Acesso em: 20 abr. 2021.

PAULO, Elbiliana Maria Pereira. **Extensão Universitária na Universidade Federal de Goiás-Catalã**o: Análise do Referencial a partir dos Anais do Conpeex (2015-2016). 2016. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Catalão, 2016.

PETERS, Michel. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PNEU. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012. Disponível em: https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

RAÍZES. Título Original: *Roots*. Direção: Bruce Beresford, Thomas Carter, Philip Noyce, Mario Van Peebles. Produção: Ann Kindberg, George Parra. History Channel. Estados Unidos, 2016. 4 Episódios.

RICOEUR, Paul. La vida: un relato em busca de narrador. **Agora**: **papeles de filosofia**, v. 25, n. 2, p. 09-22, 2006. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2565910. Acesso em: 05 mar. 2019.

SILVA, Maria José da. **A história do Campus Avançado de Catalão da Universidade Federal de Goiás**: 1983-2002. Goiânia: Ed. Da UCG, 2009. 253p.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; VARJAL, Elizabeth; FILHO, Lino Castellani; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992. 84p.

TEIXEIRA, Anísio. **A universidade de ontem e de hoje.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 104 p. (Coleção Universidade; 3)

THIOLLENT, Michel. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. *In*: I CBEU – Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, João Pessoa, 2002. **Anais [...].** João Pessoa, 2002. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu_anais/anais/conferencias/construcao.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1988.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

THIOLLENT, Michel. Por Uma Melhoria Da Extensão Universitária. CCNEXT - **Revista de Extensão,** Santa Maria, v. 3, n. 1, p. 44-49, 2016. Disponível em:

http://coral.ufsm.br/revistaccne//index.php/ccnext/article/view/789/907 Acesso em: 15 out. 2020.

TITÃS. **Comida**. Álbum: Jesus não Tem Dentes no País dos Banguelas (37:24 min.). Composição: Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer, Sérgio Britto. Rio de Janeiro: WEA, 1987.

UFCAT. Universidade Federal de Catalão. **Minuta de Curricularização da Extensão na UFCAT**. Regulamenta a inserção das Atividades Curriculares de Extensão (ACEx) nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de graduação da Universidade Federal de Catalão - UFCAT. Catalão, 2020. (não publicado)

UFG. Universidade Federal de Goiás. **Analisa**. Painéis de Indicadores. Extensão. UFCAT. 2020. Disponível em: https://analisa.ufg.br/p/32231-extensao. Acesso em: 02 set. 2020.

WOLFF, Robert Paul. **O Ideal da Universidade.** Tradução de Sonia Veasey Rodrigues, Maria Cecília Pires Barbosa Lima. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.